



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS DE ERECHIM**  
**CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

**ANA PAULA BERTOTTI**

**ÊXODO DA JOVEM RURAL:**  
**UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CRUZATENSE- RS**

**ERECHIM**

**2014**

**ANA PAULA BERTOTTI**

**ÊXODO DA JOVEM RURAL:  
UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CRUZATENSE- RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
licenciatura em Geografia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

**ERECHIM**

**2014**

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Bertotti, Ana Paula

Êxodo da jovem rural:: Um estudo no município de Cruzaltense - RS / Ana Paula Bertotti. -- 2014.  
90 f.:il.

Orientador: Márcio Freitas Eduardo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Geografia, Erechim, RS , 2014.

1. Jovem Rural. 2. Êxodo. 3. Genero. 4. Geografia .  
I. Eduardo, Márcio Freitas, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANA PAULA BERTOTTI

**ÊXODO DA JOVEM RURAL:**  
UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CRUZATENSE- RS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 17/07/2014

BANCA EXAMINADORA

Márcio Eduardo  
Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo – UFFS

Ângela Della Flora  
Prof.<sup>a</sup> Me. Ângela Della Flora

Éverton  
Prof. Me. Éverton de Moraes Kozenieski

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por ter me dado força para superar as dificuldades encontradas, permitindo que tudo isso acontecesse, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o meu maior mestre;

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim, por me proporcionar condições para o desempenho de minha carreira acadêmica ao longo destes anos;

Ao Professor Orientador Márcio Freitas Eduardo, pelo empenho, dedicação e confiança na orientação desta pesquisa. Agradeço acima de tudo pelo apoio, amizade e convivência;

Aos demais professores, em especial os professores do curso de Geografia, pelo tanto que se dedicaram a mim e aos meus colegas, por terem me ensinado a amar cada dia mais a Geografia, aos quais terão os meus eternos agradecimentos;

Aos colegas e amigos de graduação, pelo companheirismo, troca de experiências e convivência;

Aos entrevistados de forma geral, pela colaboração na pesquisa, sendo que o entrevistado é extremamente importante para a pesquisa, independente do resultado dela;

Aos meus pais, pelo amor, apoio e incentivo, de modo especial minha mãe Leonilde, mulher heroína, agricultora e exemplo de dedicação ao trabalho rural;

As minhas duas irmãs, jovens rurais, que me incentivaram a iniciar este trabalho e acreditaram em minha capacidade de produção e conhecimento, de modo especial a irmã e colega de curso Suzana, pelo companheirismo e apoio incondicional ao longo desses anos;

Ao meu namorado Tiago, pela compreensão e incentivo imensuráveis para a realização do presente trabalho;

Aos demais familiares e amigos, companheiros de todas as horas;

Enfim, o meu agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a consolidação deste trabalho. O meu mais sincero muito obrigado.

## RESUMO

O processo de migrações campo-cidade vem se tornando expressivo a cada ano. É ainda mais visível ao analisarmos a questão dos jovens frente a esse processo, na qual está cada vez mais difícil a permanência destes no campo. A questão do gênero também deve ser levada em conta, sendo que, a sociedade patriarcal, representada pela esfera masculina, ainda com mais representatividade no campo, exclui as mulheres dos processos decisórios, contribuindo assim, para a intensificação do êxodo da jovem nesses processos. Diante da importância de estudarmos temas relacionados a essas questões e pelo fato desse processo fazer parte da realidade da autora, este trabalho objetiva investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais no município de Cruzaltense, situado no Norte do Rio Grande do Sul. Visando dar conteúdo ao tema proposto e com a finalidade de obter respostas aos objetivos, a metodologia do trabalho teve foco qualitativo e quantitativo, contando com a utilização de dados primários, obtidos através de realização de pesquisa de campo, e dados secundários, obtidos através de dados estatísticos. Desta forma, a partir da pesquisa foi possível identificar a correlação de alguns aspectos multifatoriais e os processos de migração campo cidade no município; identificar a perspectiva dos jovens rurais que ainda lá permanecem; e, compreender os principais motivos de migração por parte daqueles jovens, principalmente o caso das mulheres que indica ser as que mais têm migrado, mas que ainda possuem um forte vínculo ao meio rural.

Palavras chave: Juventude rural. Gênero. Êxodo rural.

## ABSTRACT

The process of rural-urban migration is becoming significant every year. It is even more apparent when analyzing the issue of young people to this process, which is increasingly difficult to stay in the field. The issue of gender should also be taken into account and that the patriarchal society, represented by the masculine sphere, even with more representation in the field, excludes women from decision-making processes, thus contributing to the intensification of the exodus of the young in these processes. Given the importance of studying issues related to these issues and the fact that this process is part of the reality of the author, this work aims to investigate aspects related to the current migration of rural youth in the municipality of Cruzaltense, situated in the northern Rio Grande do Sul, in order to propose the theme and content in order to get answers to the objectives, the methodology of the study was qualitative and quantitative focus, provided with the use of primary data by conducting field research, and secondary data obtained through statistical data. Thus, from the research it was possible to identify the correlation of some multifactorial aspects and processes of migration rural town in the municipality; identify the perspective of rural young people who are still there; and understand the main reasons for migration by those young people, especially for women indicate that to be the ones that have migrated, but still have a strong bond to the rural environment.

Keywords: Rural Youth. Genre. Rural exodus.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classe Multiseriada (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) – Escola Municipal Dona Clara Camarão - Comunidade Linha Santa Cruz Cruzaltense. (1998).....	25
Figura 2 - Imagem de satélite do município de Cruzaltense–RS.....	34
Figura 3 -Linha Vertente Baccin – “Lado de cá do rio”.....	35
Figura 4 - Linha Palmeirinha – “Lado de lá do rio” .....	35
Figura 5 - Escola Municipal Dona Clara Camarão. Comunidade Linha Santa Cruz – Cruzaltense. Desativada em 2009.....	50
Figura 6 - Terreno onde se localizava a Escola Municipal Dona Clara Camarão. Comunidade Linha Santa Cruz – Cruzaltense. Demolida no ano de 2012.....	51

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 - Município de Cruzaltense na microrregião geográfica de Erechim – RS.....	31
Mapa 2 - Município de Cruzaltense–RS.....	33

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - População 15 a 29 anos microrregião geográfica de Erechim.....	38
Quadro 2 - Valor Adicionado Bruto (VAB) – agropecuária.....	41
Quadro 3 - Valor Adicionado Bruto (VAB) – indústria.....	42
Quadro 4 - Valor Adicionado Bruto (VAB) – serviços.....	43
Quadro 5 - Valor Adicionado Bruto (VAB) - Total.....	44
Quadro 6- Lavoura temporária.....	47
Quadro 7 - Dados de identificação dos jovens rurais.....	58
Quadro 8 - Composição familiar.....	59
Quadro 9 - Renda familiar.....	64
Quadro 10– Caracterização do estabelecimento.....	64
Quadro 11 - Dados de identificação dos jovens rurais que migraram.....	68

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de estabelecimentos agropecuários - Microrregião geográfica de Erechim - RS – 2006.....	45
Gráfico 2 - Número de estabelecimentos agropecuários - Município de Cruzaltense - RS – 2006.....	46

## **LISTA DE SIGLAS**

CRESOL – Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária  
EMATER - Empreendimento de Assistência Técnica e Extensão Rural  
FEE – Fundação de Economia e Estatística  
FETRAF - Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MCC - Movimento de Cursilhos de Cristandade  
PIB – Produto Interno Bruto  
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  
SUTRAF – Sindicato Unificado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar  
UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul  
URI – Universidade Regional Integrada

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>21</b>
3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.....	22
3.2 FORMAÇÃO TERRITORIAL NA REGIÃO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.....	27
<b>4. CRUZALTENSE.....</b>	<b>31</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E FISIAGRÁFICA.....	31
4.2 CARACTERIZAÇÃO POPULACIONAL, ECONÔMICA E AGROPECUÁRIA.....	36
4.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA.....	49
<b>5. JOVEM RURAL: PERMANECER NO CAMPO OU MIGRAR PARA A     CIDADE?.....</b>	<b>55</b>
5.1 AS ENTIDADES E SEUS PROPÓSITOS.....	55
5.2 VIDA NO CAMPO E FAMÍLIA.....	58
5.3 PERMANECER OU MIGRAR: PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS.....	65
5.4 FICAR OU VOLTAR: PERSPECTIVAS DOS QUE MIGRARAM.....	67
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE 1 – Questionário para idosos.....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE 2 – Questionário para pessoas entre a faixa etária de 40 a 50 anos.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE 3 – Questionário para jovens residentes no município.....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE 4 – Questionário jovens rurais que migraram do município.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ritmo acelerado das migrações campo-cidade vem se tornando expressivo a cada ano. É ainda mais visível ao analisarmos a questão dos jovens frente a esse processo, na qual está cada vez mais difícil a permanência destes no campo. A questão do gênero também deve ser levada em conta, sendo que, a sociedade dita patriarcal, representada pela esfera masculina, ainda com mais representatividade no campo, exclui as mulheres dos processos decisórios, contribuindo assim, para a intensificação do êxodo da jovem nesses processos.

Diante da importância de estudarmos temas relacionados a essas questões e pelo fato desse processo fazer parte da realidade da autora, este trabalho tem como objetiva geral investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais no município de Cruzaltense, situado no Norte do Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos consistem em, identificar a correlação de alguns aspectos relevantes, tais como, relações de conflito entre gerações e relações de gênero; conhecer a realidade familiar e socioeconômica dos jovens rurais do município de Cruzaltense; identificar o interesse profissional destes jovens, uma vez que, o fato deles terem nascido no meio rural não é determinante para a sua continuidade no campo como opção pessoal; e, compreender os principais motivos de migração por parte daqueles jovens, principalmente o caso das mulheres que indica ser as que mais têm migrado, mas que ainda possuem um vínculo ao meio rural.

Neste sentido, para um melhor desenvolvimento do estudo, é necessário considerarmos alguns fatores multifatoriais relevantes para a compreensão desse processo. Além disso, para podermos perceber o que vem acontecendo hoje, precisamos, necessariamente, entender como foi antes, ou seja, os processos passados.

Assim, para investigarmos alguns aspectos desse processo de migração campo-cidade, no município de Cruzaltense, antes disso, precisamos abordar a questão da imigração italiana no Rio Grande do Sul, sendo que, o município de Cruzaltense é habitado predominantemente por descendentes de origem italiana, e desta forma, estas famílias ainda carregam consigo aspectos socioculturais de seus descendentes, podendo assim, intervir na questão do êxodo.

Nesta abordagem, objetivando fazer uma busca pelos aspectos simbólicos da família italiana, seus conjuntos de valores, atrelados a religiosidade e ao patriarcado, e como isso se materializa nas relações de trabalho e de família, portanto, de gênero, apresenta-se um enfoque da forma de ocupação, organização e transformação, causada nos espaços rurais habitados pelos colonos imigrantes. Esta abrange as vivências do imigrante italiano e, posteriormente de seus descendentes, que constituem hoje, em boa parte, o município de

Cruzaltense. Esta constituição étnica fortemente predominante no município é informação que consideramos importante para a pesquisa na medida em que a identidade étnica se manifesta a partir dos valores que perpassam as relações sociais de geração em geração, evidenciando assim, a associação entre esses elementos identitários com um modo de vida rural.

No entanto, antes de fazermos esse estudo, é importante, ainda que de forma sucinta, retomarmos alguns desses fenômenos multifatoriais que implicam diretamente neste processo de migrações da juventude do campo para a cidade.

Tratar sobre juventude implica em pensarmos num conceito polissêmico, que envolve múltiplos significados. Não é possível homogeneizá-lo, podendo haver variações da faixa etária. Essas definições de faixa etária geralmente costumam ser divergentes de acordo com algumas pesquisas:

Algumas pesquisas do Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP) sobre participação política, abrangem o intervalo de 18 a 30 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) lida com a faixa de 15 a 24 anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trabalha com 15 a 29, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que demarca a definição legal da juventude no Brasil, vai de 0 aos 18 anos incompletos. (MAIA, 2008, p.2).

A partir disso, destaca-se que, existe também, alguns outros fatores que geralmente são considerados em pesquisas, para delimitar esta faixa etária, tais como: aquisição de carteira de trabalho, a conclusão do ensino médio, aquisição da carteira de habilitação, matrimônio etc.

Para tanto, aqui nos cabe destacar que, a referida pesquisa levará em conta para a coleta de informações referentes ao público jovem, a mesma faixa etária considerada pelo IBGE, 15 a 29 anos, e por sua vez, considerando também os fatores aquisição da carteira de trabalho e matrimônio. Entende-se que, esta faixa etária é a que melhor se enquadra para o estudo de caso. O indivíduo com 15 anos de idade já pode ser considerado jovem, sendo que é a partir desta idade que geralmente quer se tornar mais independente e por esse motivo toma algumas decisões em relação ao seu futuro profissional, sendo que, a partir dos 16 anos de idade poderá adquirir sua carteira de trabalho. No nosso estudo, geralmente é a partir dessa idade, quando o indivíduo toma essas novas decisões que o mesmo decide também se permanecerá no campo ou irá migrar para a cidade em busca de novas oportunidades de trabalho. Em contrapartida a isso, a faixa etária máxima de 29 anos, pode ser levada em conta pelo fato de geralmente ser a partir dos 30 anos de idade que o indivíduo começa a pensar em construir uma família ou já fazer parte de uma, e por isso, já não ser mais considerado jovem, mas sim uma pessoa mais “madura”, que deseja assumir novas responsabilidades.

No entanto, muito além de delimitarmos uma faixa etária, devemos lembrar, sobretudo, que “[...] as juventudes não são suscetíveis de comparação, pois, ao viverem em épocas históricas diferentes, têm definidos seus conflitos e vivência social de maneira também diferente”. (SOUZA, 2006, p. 16) Além disso, o autor prossegue:

O fato de as pessoas nascerem ao mesmo tempo, ou seja, estarem vivendo sua juventude, maturidade e velhice, não quer dizer que partilham por si só uma similaridade de situação. O que cria uma situação comum é elas estarem numa posição para experienciar os mesmos acontecimentos e dados, etc. (p.14).

O interessante é que quando se fala em juventude se pensa em juventude de forma geral, padronizada, não sendo levado em conta que a questão da juventude muda com o tempo e muda também em relação as características territoriais nas quais está inserida. Para tanto, desta forma, é necessário falarmos em juventudes e não mais em juventude, na qual devemos lembrar que, pode haver diferenciações de acordo com seu contexto histórico/social e espacial. O jovem de hoje não é o mesmo de ontem, o jovem que vive no município de Cruzaltense não é o mesmo que vive numa grande metrópole, o jovem que vive no meio rural não é o mesmo do que vive no meio urbano. Se pensarmos em juventude camponesa é diferente de pensarmos naquela juventude que vive na cidade. De acordo com Castro (2012), juventude camponesa pode ser designada como “[...] filhos de camponeses que ainda não se emanciparam da autoridade paterna – geralmente solteiros que vivem com os pais”. (p.439).

Percebe-se assim, que essa “não emancipação de autoridade paterna” é bem visível no município de Cruzaltense, por parte dos jovens que ainda permanecem no campo, independente de sua faixa etária. Isso talvez se deva pelo fato de a principal renda familiar ser adquirida apenas em épocas de safra, causando assim uma dependência das monoculturas locais, e por ser um dinheiro total e não dividido por membros da família, na qual geralmente é o pai da família quem controla os gastos desse dinheiro. Ao contrário dos jovens que migram para trabalhar na cidade, e desta forma, adquirem sem próprio dinheiro e de forma mensal.

Um tema associado à ‘juventude rural’ é a ‘migração’ – no sentido do fluxo de populações para centros urbanos –, seja como estratégia familiar de reprodução e manutenção da propriedade familiar, seja como forma de ruptura com a autoridade paterna. A sucessão e a transferência da propriedade da terra, herança patrimonial da família, segue padrões como o minorato ou a primogenitura (o filho mais novo ou o mais velho é o herdeiro preferencial), dentre outras formas, como estratégias para manter a pequena propriedade familiar indivisível e evitar que se pulverize. Nesse processo, seria comum que “jovens” filhos de camponeses migrassem para a cidade, contando, em alguns casos, com pequenas compensações (bens ou capital) por abdicarem da parte da propriedade que lhes caberia como herança. (CASTRO, 2012, p. 439).

Neste mesmo sentido, assim como o conceito de juventude, o fator gênero, também não pode ser comparado se levarmos em conta épocas históricas diferentes, ou seja, a jovem de ontem não é a mesma jovem de hoje. Sendo que,

[...] gênero refere-se às relações entre os seres humanos que ao observarem as diferenças sexuais, criam a ideia do que é ser homem e do que é ser mulher. Na maioria das vezes o ser masculino tem maior valor, por isso, relações de gênero criam relações de poder e autoridade, conforme o sexo da pessoa. (GOUVEIA et al., 2000 apud SCHMITZ, 2011, p.12).

Isto posto, é necessário também, levarmos em conta a geograficidade da mulher na sociedade patriarcal aqui estudada, pois, de acordo com Moreira (2004), “Designamos geograficidade à condição espacial da existência do homem em qualquer sociedade”. (p.12). Na qual, esta ideia de que o gênero masculino tem maior valor, está ligada à sociedade patriarcal comum à cultura italiana, mesmo sabendo que não se limita somente a ela. De acordo com Tedesco (2001), essas diferenciações de gênero sempre estiveram presentes na constituição familiar do colono imigrante. Isso nos permite evidenciar os conflitos no interior da família camponesa, na qual pode potencializar ainda mais na questão do êxodo.

Para tanto, diante de tal trabalho, objetivando investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais, é necessário atentarmos também para os conceitos de campo e território, sendo que, conforme Girardi (2008), o campo, para o camponês não deve ser visto como um local apenas de produção de mercadorias, mas de produção e vida. É o lugar onde o desenvolvimento de suas atividades econômicas, políticas e familiares ocorrem de forma indissociável.

Diante disso, é importante destacarmos que, ao contrário do camponês, o agronegócio com todas suas modernizações, tem entendido e “produzido” o campo de outra forma, enquanto meramente espaço de produção, espaço de insegurança de vida, aspecto multifatorial que têm atuado como fator repulsivo aos jovens. A crise da juventude é uma crise do campo que atinge particularmente a agricultura camponesa.

Assim, conforme Oliveira (1998) pode-se considerar o campo, como uma monopolização do território pelo capital, cujo capital monopolista desenvolveu liames para subordinar/apropriar-se da renda da terra camponesa, transformando-a em capital. Aqui o capital não se territorializa, mas monopoliza o território marcado pela produção camponesa.

É através dos processos de subordinação que o campesinato produz, na qual sua renda é canalizada pelos outros segmentos da sociedade, como os bancos, indústrias, agroindústrias, etc. O capital não desterritorializa o campesinato, mas monopoliza e subordina através da técnica, do mercado, das políticas públicas que não constroem outras possibilidades. Ou seja, o

capital não atua somente desterritorializando o camponês, mas monopolizando seu território através da tecnologia, das relações com o mercado, com o capital financeiro, às indústrias etc.

Desta forma, esse valor do camponês atrelado ao campo como um local de produção e de vida, não somente de mercadorias, tem sido assim, pouco representado nos processos de monopolização do território pelo capital, intensificando assim questões de conflitualidade no campo. Conforme Oliveira (1991), apud Fernandes (2004), “[...] a questão agrária gera continuamente conflitualidade. Porque é movimento de destruição e recriação de relações sociais: territorialização, desterritorialização e reterritorialização do capital e do campesinato; de monopólio do território camponês pelo capital”. (p.5).

A partir dessa monopolização do território, observa-se no campo nestes últimos anos, o surgimento das inovações a partir da chamada “Revolução Verde”, a qual pode ser conceituada como “[...] a difusão de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção”. (OCTAVIANO, 2010, p.1).

Pode-se dizer que essa difusão de tecnologias agrícolas que chegou com o discurso do desenvolvimento e da modernização para superar o “velho e o atrasado”, chegou também, para reforçar ainda mais o patriarcado, na qual dificilmente vê-se alguma mulher como protagonista dessas inovações. Inovações estas, que substituíram as técnicas passadas por um pacote pronto, que subordina o camponês através da dependência destes.

Ainda conforme Octaviano (2010):

Embora tenha surgido com a promessa de acabar com a fome mundial, não se pode negar que essa revolução trouxe inúmeros impactos sociais e ambientais negativos [...] Além de não ter resolvido os problemas nutricionais e da fome, a Revolução Verde também é reconhecida por aumentar a concentração fundiária e a dependência de sementes, alterando a cultura dos pequenos proprietários que encontraram dificuldades para se inserir nos novos moldes. (p.1).

Diante de tais acontecimentos, eis então que, sem muitas alternativas, inicia-se a intensificação das migrações. No entanto, inicialmente, mesmo diante das dificuldades encontradas no campo, sejam elas pela questão do esgotamento da fertilização natural do solo, ou pelo aumento demográfico ocorrendo o fracionamento das terras por herança, muitas famílias ainda veem na terra o meio essencial de sua reprodução, e, procuram de todas as formas, manter-se nela ou ter acesso a ela. Desta forma, famílias inteiras migram para as fronteiras agrícolas mais próximas, instalando novas unidades produtivas. (PIRAN, 2001).

Contudo, com o distanciamento das fronteiras agrícolas, e ainda mais tarde, com o fechamento das fronteiras agrícolas para o campesinato, uma das poucas opções dos jovens é

migrar para a cidade, onde não há mais lugar para esses sujeitos um quadro de sucessão familiar.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho, como já citado anteriormente, tem como objetivo geral investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais no município de Cruzaltense, situado no Norte do Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos consistem em, identificar a correlação de alguns aspectos relevantes, tais como, relações de conflito entre gerações e relações de gênero; conhecer a realidade familiar e socioeconômica dos jovens rurais do município de Cruzaltense; identificar o interesse profissional destes jovens, uma vez que, o fato deles terem nascido no meio rural não é determinante para a sua continuidade no campo como opção pessoal; e, compreender os principais motivos de migração por parte daqueles jovens, principalmente o caso das mulheres que indica ser as que mais têm migrado, mas que ainda possuem um vínculo ao meio rural.

Visando dar vazão ao tema proposto e com a finalidade de obter respostas aos objetivos, a metodologia do trabalho se desenvolveu continuamente a partir de levantamento bibliográfico de autores que embasam assuntos referentes ao tema do trabalho. É possível identificarmos alguns destes autores a partir de diferentes sessões temáticas: Formação territorial do Rio Grande do Sul: PIRAN (2001); Colonização italiana: SAQUET (2002) e TEDESCO (2001); Questão agrária: GIRARDI (2012) e OLIVEIRA (1998); Gênero: SCHIMITZ (2011); Juventude: CASTRO (2012); entre outros.

A pesquisa teve foco qualitativo, contando com a utilização de dados primários e dados secundários. Para a obtenção dos dados primários, foi muito relevante, a realização de pesquisa de campo, a fim de coletar relatos a partir de questionários e roteiros de entrevistas com diferentes públicos no município de Cruzaltense.

Entrevistou-se dois homens idosos e duas mulheres idosas, afim de resgatar alguns aspectos históricos relacionados as relações de trabalho, família, educação e religiosidade. Para preservar a identidade desses quatro entrevistados, todos eles foram identificados com uma sigla ordenada de A a D, em ordem alfabética sequencialmente. Além destes, também, entrevistou-se dois homens e duas mulheres com faixa etária de 40 a 50 anos, afim de melhor entender a questão do jovem e da jovem no município em gerações anteriores. Estes por sua vez, foram identificados com uma sigla ordenada de E a H, também em ordem alfabética sequencialmente.

Realizou-se também, entrevista com seis jovens que residem atualmente no município: dois homens e quatro mulheres, objetivando coletar algumas informações de suas condições de vida e de trabalho e tentar compreender suas perspectivas para o futuro. Estes foram identificados com a sigla JR, e enumerados sequencialmente.

Outras quatro entrevistas também foram realizadas com jovens filhos de agricultores, não necessariamente residentes do município, mas que utilizam o serviço de transporte da empresa Laux<sup>1</sup>, única empresa de transporte de passageiros que faz o percurso Erechim-Cruzaltense. A grande maioria destes jovens que utilizam o serviço da empresa Laux são filhos de agricultores que optaram em estudar ou trabalhar na cidade, mas ainda assim possuem um vínculo muito forte com a meio rural. Tais entrevistas objetivaram coletar informação referente aos principais motivos dessas migrações desses jovens, uma vez que, as visitas destas aos seus familiares que continuam no meio rural geralmente acontecem de forma semanalmente. Esse vínculo ao campo por parte dos jovens que migram para a cidade, talvez se deva pelo fato destes continuarem identificados com o campo, mas impossibilitados de viver e produzir conforme o atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas. Estes foram identificados com a sigla JRM e numerados sequencialmente.

Ainda, a partir da atividade de pesquisa *in loco*, fez-se um “mapeamento” das entidades relacionadas à questão da juventude no município e região, a fim de identificarmos quais são as dimensões políticas envolvendo a juventude rurale como os estes têm atuado diante desses problemas. Foram selecionadas para esta análise do trabalho três entidades, as quais foram consideradas de grande vínculo com a questão da juventude rural: Entidade religiosa da igreja católica do município; Sindicato Unificado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar – Sutraf e Cooperativa de Crédito - Cresol. Estas entidade foram identificadas com a sigla Ee e numerados sequencialmente.

Já, para a coleta de dados secundários, faz-se a consulta de dados estatísticos do município a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE), a fim de coletar dados relacionados à demografia, produção e dinâmica econômica do campo e da cidade, da microrregião geográfica de Erechim, desde o ano de 1991, e do município de Cruzaltense desde sua emancipação.

A pesquisa contou também com entrevistas junto ao Empreendimento de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do município, a fim de coletar dados secundários referentes ao setor primário do município.

Cabe ressaltar que, apesar dos poucos dados secundários disponíveis referentes ao município, sendo que este foi emancipado a menos de 20 anos, acreditamos que serão suficientes para a tentativa de desvelar o processo migratório em estudo.

---

<sup>1</sup> Empresa de ônibus privada que realiza o percurso Erechim/RS – Nonoai/RS diariamente.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Optou-se inicialmente, por fazer um breve resgate histórico dos processos de migração italiana no Rio Grande do Sul, uma vez que, como já citado anteriormente, o município de Cruzaltense é habitado predominantemente por descendentes de origem italiana, e desta forma, estas famílias ainda carregam consigo aspectos socioculturais de seus descendentes, podendo assim, intervir na questão do êxodo. Como já descrito anteriormente, esta constituição étnica fortemente predominante no município é informação que consideramos importante para a pesquisa na medida em que a identidade étnica se manifesta a partir dos valores que perpassam as relações sociais de geração em geração, evidenciando assim, a associação entre esses elementos identitários com um modo de vida rural.

No início do século XIX, diante de inúmeras áreas que ainda apresentavam “vazios demográficos”, o governo, com o objetivo de cumprir uma função geopolítica, garantir posse destas áreas, inicia o processo de colonização. Desta forma, uma leva muito grande de imigrantes, vindos principalmente da Europa, chegam no estado do Rio Grande do Sul, principalmente nas regiões centrais, destacando-se então os imigrantes italianos em torno do ano de 1875.

Outro motivo destas migrações também se refere a questão de atender uma dinâmica interna do capital, ou seja, objetivando subsidiar acumulação interna, a fim de produzir uma policultura alimentar destinada ao mercado urbano interno regional e estadual.

Neste mesmo sentido, de acordo com Saquet (2002), “[...] para garantir a posse das terras do extremo Sul do Brasil ameaçadas constantemente pelos espanhóis, para diversificar a economia sulista e fomentar o processo de formação do mercado interno, era preciso povoá-las fixando o homem à terra através da prática agrícola”. ( p.5).

No entanto, o processo de ocupação do território não se restringe somente a aspectoseconômicos, mas envolve também razões políticas e culturais. Assim, é válido destacar um terceiro aspecto que deve ser levado em conta em relação ao processo de migrações no estado do Rio Grande do Sul: o processo de “branqueamento” da população. Na qual, ainda de acordo com Saquet (2002):

O processo de colonização italiana no Rio Grande do Sul no final do século XIX assentou-se, portanto, em fatores de ordem econômica, (geo)política e cultural (EPC), sobretudo dinamizado pelas questões econômica e (geo)política, o que não elimina a característica identitária, cultural, daquele período da territorialização através da construção de colônias agrícolas, relativamente homogêneas com europeus. O próprio interesse da classe dominante no *branqueamento* expressou muito bem o caráter cultural desse processo territorializador capitaneado pelo Estado. (p.51 e 52).

A região Norte do Rio Grande do Sul, embora tenha sido ocupada mais recentemente, em meados de 1908, também passou por um processo de desterritorialização seguido de uma reterritorialização. De acordo com Saquet (2002), no processo de desterritorialização há a perda do território inicialmente apropriado e construído, e, no processo de reterritorialização, o “velho” é recriado no “novo”, o capitalismo re-territorializa constantemente o que desterritorializa. E assim o capitalismo o fez com os italianos das “colônias velhas” do estado, seguido de seus descendentes nas colônias novas, no Norte do Rio Grande do Sul.

Deste modo, num primeiro momento, abordamos as principais razões do processo de colonização italiana no Rio Grande do Sul. No entanto, este trabalho, ocorre no intuito de contextualizarmos a questão do jovem e da mulher, objetivando investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais no município de Cruzaltense. Assim sendo, se torna importante atentarmos para a questão dos jovens na época do processo de colonização, quais questões alteram-se e quais questões permanecem, e hoje, como que estes foram ocupando seus lugares no processo de formação territorial na região Norte do Rio Grande do Sul, nosso território de estudo.

### 3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Como já citado anteriormente, o fluxo migratório do final do século XIX, especificamente no que tange à imigração italiana para o Rio Grande do Sul, foi condicionado pela articulação de diversos fatores, em decorrência do processo de expansão capitalista.

Aqui, nos cabe ressaltar que, o papel do estado nesse processo é de agente mediador, produzindo condições para esses novos usos do território vinculado à intenção de desenvolver a produção capitalista.

Desta forma, mediando através de políticas públicas e promovendo alterações no uso do território, intencionando novos usos a este e produzindo conflitualidades. “Para garantir os interesses do capital, corrigindo seus defeitos estruturais, o Estado se constitui em objeto de mediação, de conformação e de absorção do conflito estrutural entre capital e trabalho”. (SILVA, s. d., p.1).

Esse processo de imigração não se deu de forma homogênea. O colono italiano, também trouxe consigo seus aspectos socioculturais. A economia colonial desenvolve um papel de servir aos interesses econômicos do capital, mas seus aspectos socioculturais continuaram vinculados a si, tentando recriar, nesses novos espaços, características de seu

país de origem. “O território, para o imigrante, não é somente o espaço em ‘si’, mas é parte de sua própria vida, da cultura do seu povo, da luta cansativa para possuí-lo. O território é, portanto, parte importante na construção de sua própria identidade”. (COPATTI, 2010, p.27).

O envolvimento no trabalho é um elemento constituinte da imagem da família do colono. “A ordem social do colono fundava-se na ligação entre propriedade, família e trabalho, este com sentido além do econômico.” (TEDESCO, 2001, p.40). De acordo com Martins (1990), essas relações de trabalho davam a partir de “produções capitalistas de relações não-capitalistas de produção”. O autor ainda prossegue:

A produção capitalista de relações não-capitalistas de produção expressa não apenas uma forma de reprodução ampliada do capital, mas também a reprodução ampliada das contradições do capitalismo – o movimento contraditório não só de subordinação de relações pré-capitalistas, mas também de criação de relações antagônicas e subordinadas não-capitalistas. Nesse caso, o capitalismo cria a um só tempo as condições da sua expansão, pela incorporação de áreas e populações às relações comerciais, e os empecilhos à sua expansão, pela não mercantilização de todos os fatores envolvidos, ausente o trabalho caracteristicamente assalariado. (p.21).

O trabalho, a propriedade e a família estavam assentados no patriarcado e excluindo em grande medida os jovens das decisões produtivas mais importantes. De acordo com os relatos dos homens e das mulheres com faixa etária entre 40 a 50 anos entrevistados na pesquisa de campo, participar das decisões familiares era a última coisa que eles como jovens na época poderia fazer. Um deles fala: “Não se opinava nada. Só trabalhar”. (ENTREVISTADO E, 2014).

A questão da religiosidade também sempre foi muito forte na vida do imigrante italiano. A igreja católica, principalmente, estava nas várias dimensões da territorialidade: conforto, integração e reconstrução cultural etc. Conforme Tedesco (2001), o espaço da sociedade na capela constitui um grande cenário de socialização: igreja, salão, bodega, cemitério, escola, moradores em sua circunvizinhança etc. De acordo com os idosos entrevistados a capela comunitária era tudo, era o lugar mais importante: “Depois da família a primeira coisa era a capela. Representava a união da família na comunidade.” (ENTREVISTADA C, 2014).

A igreja influenciava muito em tudo, os pais eram muito religiosos: “Podia não ter estudo, mas todos tinham que passar a primeira comunhão.” (ENTREVISTADA D, 2014) Uma das entrevistadas relata que: “Era obrigado todos os domingo ir na igreja. Ensinavam as orações enquanto faziam os trabalhos domésticos. Os filhos tinham que seguir as tradições da igreja”. (ENTREVISTADA C, 2014).

Na esfera religiosa pode-se perceber bem nitidamente essa diferenciação de gênero, de poder e autoridade. O padre, sempre foi o homem mais respeitado da comunidade, revelando ali mais uma questão frente à sociedade dita patriarcal.

Neste sentido, de acordo com o relato de uma idosa do município, “A pessoa mais respeitada era o padre. Quem trabalhava na igreja recebia respeito de todos. Era obrigado ir na catequese. Eu nunca estudei na escola, mas passei primeira comunhão e tudo”. (ENTREVISTADA D, 2014).

Neste sentido, conforme Tedesco (2001), “[...] a pouca ligação do imigrante com a escola, a sua quase inexistência nos primeiros tempos, foram compensados pela esfera religiosa.” (p. 58). Isso também é percebido a partir das palavras dos idosos entrevistados na pesquisa, que relatam que em suas épocas de juventude, a média geral de escolaridade era só até o antigo primário, e que “estudar mais era luxo”.(ENTREVISTADA C, 2014).

Nota-se a partir dos relatos, que as dificuldades de estudar sempre tiveram presente na vida desses entrevistados, portanto quem tinha oportunidade de estudar mais do que a média da época, o antigo primário, era luxo, numa visão de que para ser agricultor não era necessário alto grau de escolaridade, sendo necessário apenas alguns ensinamentos para saber ler e escrever e fazer alguns cálculos quando fosse preciso.

Neste sentido, é necessário levarmos em conta algumas considerações. O pai geralmente atribuía restrições ao avanço da escolarização dos filhos, dado a necessidade de mobilizar força de trabalho em várias frentes ao longo de todo o ano. Se estudar era luxo, o normal e concreto era o trabalho. Além disso, eram poucas as possibilidades que essas pessoas tinham de avançar em suas escolaridades. Viviam no interior, com sérios limites de infraestrutura educacional e com sérias restrições de locomoção, uma geograficidade pouco convidativa ao colono estudar, reforçando o *ethos* de uma agricultura como atividade que exige pouca instrução.

Aqui nos cabe um pequeno parêntese para destacar ainda, que a grande maioria das poucas escolas que existiam no meio rural naquela época, embora ainda existam algumas nos dias de hoje, funcionavam a partir de classes multisseriadas. (Figura 1).

A falta de professores ou até mesmo de recursos educacionais inviabilizava a existência de uma classe por série, e desta forma, alunos de idades e níveis educacionais diferentes dividiam um mesmo ambiente de ensino.

Figura 1: Classe Multisseriada (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) – Escola Municipal Dona Clara Camarão - Comunidade Linha Santa Cruz Cruzaltense. (1998)



Fonte: Família Lazarotto (1998).

Além disso, muitas vezes, era o próprio padre ou um “líder” religioso que exercia a função de educador. A educação da época era mais voltada à religiosidade ou até mesmo a unidade de produção. Os jovens que se dedicavam a educação, ou seguiam a profissão sacerdotal, ou depois de estudar voltavam para as respectivas comunidades desenvolver o aprendizado na própria unidade de produção. Ou seja, não existia uma ruptura a partir da escolaridade, esta não era elemento determinante que projetava para outro estilo de vida, urbano, muito pelo contrário, os filhos seguiriam o mesmo estilo de vida de seus pais.

De acordo com as entrevistas feitas com homens e mulheres na faixa etária entre 40 a 50 anos, na maioria dos casos, ser agricultor foi uma escolha. Além disso, seguir a mesma profissão que a dos pais era quase uma regra. “Não se tinha muitas outras alternativas na época. Tinha que seguir aquilo que os pais eram, agricultor. Dividi aquela terra um pedacinho pra cada um.” (ENTREVISTADO E, 2014) Contudo, com exceção de um caso, os entrevistados relatam que se fosse hoje fariam outra escolha profissional. Uma das entrevistadas relata esclarecidamente que: “Só me dei mal na vida, mas agora não posso mais sair daqui, não estudei, não sei fazer outra coisa”. (ENTREVISTADA G, 2014).

De acordo com o relato, observa-se que, ao contrário de antigamente, hoje, a escolarização para as pessoas residentes no espaço rural de Cruzaltense é olhada como um elemento de incremento social, profissional e econômico.

Percebe-se ainda, que hoje, estes agricultores enxergam o meio rural com “outros olhos”. Diferente de hoje, em suas épocas de juventude, consideravam a escolha de ser agricultor como a única opção, uma vez que, o rural ainda não apresentava tantos fatores repulsivos e o urbano ainda não estava mostrando de forma tão intensa seus atrativos a partir da modernização.

Quanto às respostas dos entrevistados dessa mesma faixa etária em relação à reação dos pais se algum filho, em suas épocas de juventude, decidisse migrar do campo para a cidade, se assemelham muito. Os pais até concordavam, mas tinham que se dá jeito, se virar na vida. Um dos entrevistados ainda fala que: “Na verdade nem se pensava nisso, nem se tinha aonde ir”. (F, 2014).

Neste sentido, observa-se que, ao contrário de hoje, a grande maioria das cidades, como, por exemplo, a cidade de Erechim, ainda não apresentava tantos fatores atrativos, tais como: intensificação das indústrias, do comércio, universidades federais, institutos federais etc. Assim, nos dias atuais, com estas novas possibilidades que se projetam no meio urbano dos municípios maiores, a partir da concentração do emprego, dos serviços e da educação, levam também ao aumento do êxodo rural e a redução demográfica nos pequenos municípios.

Ainda, de acordo com Tedesco (2001), em grande parte, as famílias dos colonos italianos, eram grandes e nucleares, o pai mandava sobre a mulher, os filhos e a propriedade. Diferenciações de gênero sempre estiveram presentes na constituição familiar do colono imigrante. “O trabalho da mulher dependia quase sempre do ciclo de vida da família, sua jornada de trabalho era sempre superior à do homem, porém vista sob a ótica de ajuda, de complemento e da obrigação para o todo familiar”. (TEDESCO, 2001, p.27).

Em síntese, tanto a mulher, assim como os filhos, dentre estes os jovens, ocupavam lugares menos expressivos nas decisões familiares e perante a sociedade patriarcal. Apenas o homem casado, tornando-se o marido e o pai de família é que recebia o *status* de proprietário e por esse motivo tinha o poder das decisões familiares. *Status* este, que assemelha-se muito ao ideal da família católica e do imigrante italiano.

Ainda de acordo com o autor, se tornar proprietário conferia ao colono um *status* mais elevado na sociedade. O casamento também possuía esses significados. “A pressão familiar e social na escolha dos cônjuges é um fato irrefutável. A representação pessoal e familiar,

normalmente tendo como referência a moral e o trabalho, eram critérios respeitados.” (p.54). No entanto, o autor destaca que:

A partir de 1970, com a intensa migração de jovens (especialmente de moças) e famílias para o meio urbano [...] raramente uma cidadina (ou recém migrada para a cidade) aceita casar com um filho de colono. Esse processo dificulta a permanência do jovem no meio rural ou o condiciona à possibilidade de tornar-se celibatário. (TEDESCO, 2001,p.55).

É desta forma, que o jovem camponês acaba internalizando uma imagem desvalorizada de sua própria pessoa, enxergando-se como um sujeito atrasado.

### 3.2 FORMAÇÃO TERRITORIAL NA REGIÃO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Sobre o movimento específico da ocupação territorial no Norte do Rio Grande do sul, também destacamos alguns fatores determinantes sobre as razões da migração de descendentes italianos para estas áreas.

Conforme Tedesco (2001), a partir de 1890 e com mais intensidade em 1910, novos espaços começaram a fazer parte das ditas colônias do Sul, e assim, outras regiões, ainda pouco povoadas, foram recebendo levas imensas de migrantes. Migravam famílias, pessoas isoladas e muitos recém-casados.

A região norte do Rio Grande do Sul, inicialmente era habitada por nativos e caboclos. No entanto, de acordo com Piran (2001), no processo de incorporação a produção capitalista, estes são os primeiros a serem excluídos. “[...] índios e caboclos são desterritorializados e são submetidos a uma nova territorialidade [...] Destroem-se o ordenamento, a paisagem, o território por eles construídos, e constrói-se uma nova territorialidade com empresários rurais e agricultores familiares.” (p.59).

Sendo assim, ainda de acordo com o autor, é desta forma, que os “novos colonos” se instalam nesta região. “A crise do relativo excedente populacional das ‘Colônias Velhas’ é enfrentada com a migração e implantação de novas colônias agrícolas entre as quais a colônia Erechim [...] Assim implantam-se as desigualdades, excluindo índios e caboclos, e instalando pequenos, médios e grandes proprietários.” (PIRAN, 2001, p.24). O estado desterritorializa seus primeiros ocupantes e constrói uma nova territorialidade. Conforme Saquet (2002):

A des-territorialização italiana implicou re-territorialização em outros lugares, onde os grupos sociais desenvolveram estratégias distintas para produzir, controlar e manter um novo território e novas territorialidades, como fruto da imbricação entre as velhas e as novas territorialidades no movimento de des-re-territorialização. (p.52).

A grande maioria destas famílias de migrantes italianos eram constituídas por muitos filhos, quanto mais filhos melhor se estabilizavam os agricultores, pois assim, tinha mais mão-de-obra para as atividades agrícolas, ou seja, quanto mais filhos mais gente para ajudar no trabalho braçal da lavoura, baseada predominantemente na policultura, que tinha como base de produção, a utilização predominante de equipamentos manuais.

No entanto, com o passar dos anos, devido à intensificação das técnicas agrícolas utilizadas até então, principalmente a técnica das queimadas, os solos foram perdendo a fertilidade natural, a produção foi diminuindo constantemente, e desta forma, um grande número de pessoas para trabalhar não era mais suficiente para se ter uma boa produtividade. Além disso, fracionar as terras para os filhos que casavam estava ficando cada vez mais difícil. Pode-se dizer que essa foi a primeira grande crise enfrentada pelos “colonos novos”.

Aqui nos cabe destacar que, conforme Tedesco (2001), a questão da partilha da terra contempla, em grande parte das famílias, apenas aos filhos varões. Ainda, a desistência por parte de algum filho da participação no trabalho na unidade familiar dificulta-lhe a possibilidade de herança. O direito de partilha da herança é atribuição exclusivamente do esposo.

Neste mesmo sentido, conforme, Kocziceski (2007):

Este regramento cultural não reconhece todos os filhos com direitos iguais, selecionando um entre todos, normalmente homem, para dar continuidade a manutenção do patrimônio familiar, cabendo aos irmãos excluídos da partilha buscar sua sobrevivência normalmente fora do meio agrícola. Como forma de compensação aos excluídos normalmente é reduzido ao enxoval e alguns bens para as moças que se casam com outro agricultor ou aos demais ‘revertida em sua manutenção na cidade enquanto estuda e se prepara para a inserção no mercado de trabalho urbano’. (p. 16).

Diante de tal situação, na década de 1950 e início dos anos 1960, iniciam-se as primeiras migrações. Nesta época, ainda não tão intensas para as cidades, mas principalmente para as regiões agrícolas mais próximas do Rio Grande do Sul, tais como, nos estados de Santa Catarina e Paraná. Neste sentido, Hoffmann apud Copatti, cita que, “[...] ‘ao passar do tempo, essas propriedades foram sendo partilhadas entre os herdeiros. Uns ficavam e outros migravam em sucessivas levas, seja para novas terras, alargando a ‘fronteira agrícola’ noutros estados, seja em direção as cidades do RS”. (2010, p.31).

No entanto, entre os anos 60 até 80, diante da intensificação das modernizações agrícola a partir da Revolução Verde, a qual gerou no campo um ciclo vicioso de sementes transgênicas e fertilizantes dentre outros insumos agrícolas, às famílias tiveram que se adaptar a essas novas exigências ou buscar alternativas de renda na cidade para poder

sobreviver. Sendo que, esse processo de modernização não se deu de forma homogênea. Os espaços rurais passam a ser menos atrativos, uma vez que, a modernização vem calcada em um ideário urbano-industrial, e desta forma, inicia-se um longo processo de migrações campo-cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Os jovens são os primeiros a tomar essa iniciativa, largam a “lida” agrícola para viver na cidade, com o objetivo de encontrar melhores alternativas educativas e econômicas do que as encontradas no meio rural, sendo que isso deve-se a alguns fatores estruturais, tais como: a forte subordinação da agricultura familiar ao capital após a modernização.

A educação deixa de ser secundária e passa a projetar outras possibilidades aos jovens. No entanto, é extremamente importante considerarmos a questão do gênero neste momento, pois as mulheres são as primeiras a migrar para as cidades, pois não conseguem ver na mãe delas o que elas querem ser, aquela mulher camponesa, que além de estar subordinada ao capital, muitas vezes é subordinada por um ser homem, no caso o marido, que a torna excluída dos processos decisórios da organização produtiva da família. Esse último fato pode não ser tão percebido nas relação de migração das jovens para a cidade, mas esse papel secundário da mulher nas atividades do campo pode levar a jovem rural a escolher migrar para que na cidade assuma outro papel.

Muitas delas enxergam na cidade um local de “fuga” e de maior reconhecimento. Esse maior reconhecimento implica em “ter um estudo”, ou seja, certo grau de escolaridade, uma vez que, segundo Aguiar e Stropasolas(2010), para as moças, dar continuidade aos estudos, fazer um curso superior, significa ter uma profissão, ou seja, ter reconhecimento profissional, condição que se coloca como necessária, para que se alcance o reconhecimento social. Já, no caso dos rapazes, o reconhecimento social, não passa, necessariamente, pelo reconhecimento profissional.

Contudo, ainda, é possível identificar certa disparidade em relação a essas migrações, na qual, nem todas as regiões, estados ou até mesmo municípios apresentam dados do esvaziamento rural de forma semelhante. “Mesmo diante do fato da sociedade estar cada vez mais mundializada/globalizada, as relações entre as unidades que formam a totalidade dão origem a um desenvolvimento desigual entre os lugares, pois cada espaço apresenta um ritmo diferente de tempo”. (BRAGA, 2012, p.6). O autor ainda descreve que, desta mesma forma, a modernização da agricultura não é homogênea, ela se desenvolve sobre a base histórica, que possui especificidades em cada território, resultando em um desenvolvimento desigual.

Assim, para fazermos uma análise desses processos de inovações seguido de migrações, no município de Cruzaltense, é também necessário, investigar as diferentes características ali existentes.

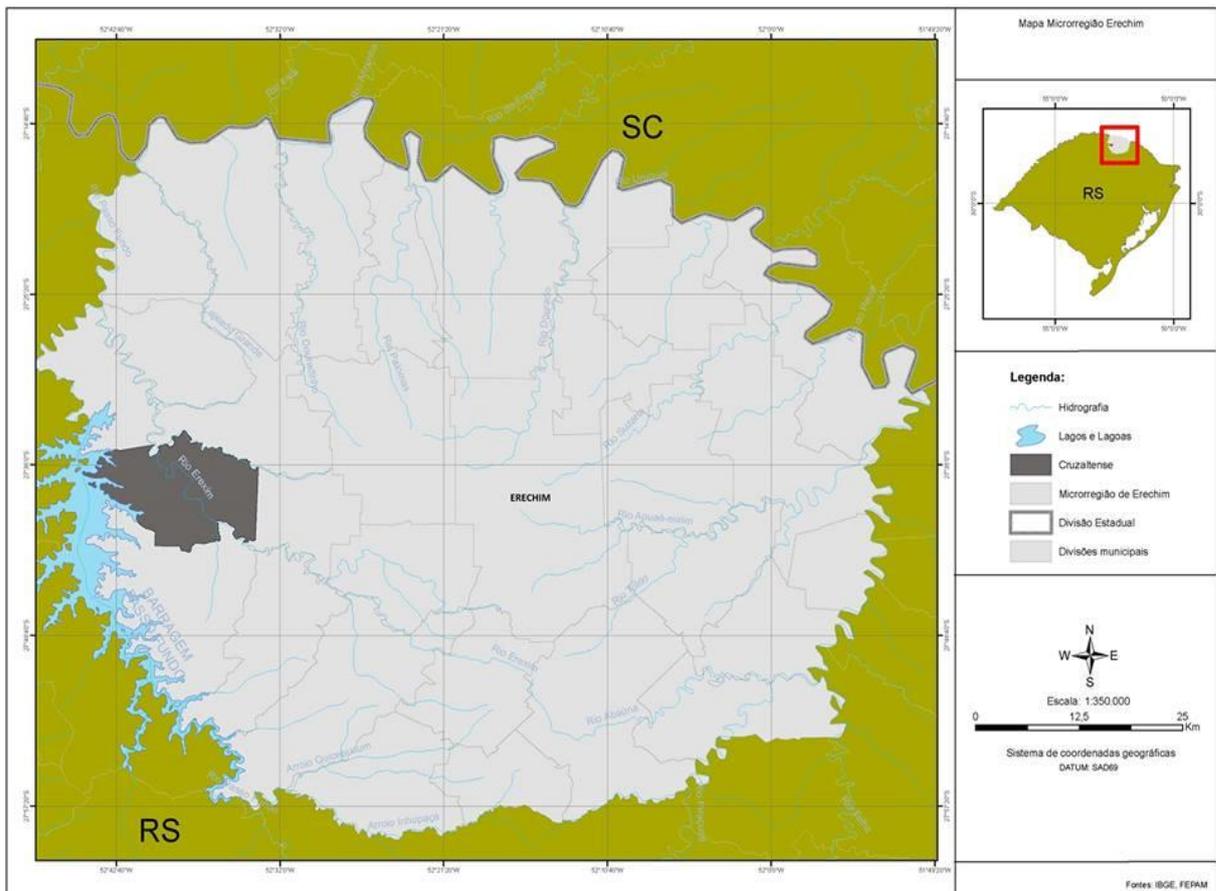
#### 4. CRUZALTENSE

Neste estudo, embora existam poucos materiais bibliográficos que subsidiem uma melhor discussão a cerca das características do local de estudo, a facilidade de contato deste autor com a realidade municipal forneceu subsídios para discutir com maior propriedade as características do local.

##### 4.1 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E FISIAGRÁFICA

O município de Cruzaltense, situado na região Norte do Rio Grande do Sul, faz parte da microrregião geográfica de Erechim. (Mapa 1).

Mapa 1: Município de Cruzaltense na microrregião geográfica de Erechim – RS



Fonte: Ana Paula Bertotti e Renato Gonzales(2014).

Ainda pertencendo ao município de Campinas do Sul, até 1944 o atual município de Cruzaltense que anteriormente, chamava-se de Vera Cruz, era uma área coberta por florestas de pinhais. No entanto, nos cabe destacar, que embora em pequena quantidade, já havia a ocupação destas áreas por algumas famílias de caboclos.

Devido à grande quantidade de madeira “abundante” na região a exploração tornou-se a principal fonte de renda. Surgiram então as primeiras serrarias, que tinha como dono uma família vinda de Cruz Alta, na qual posteriormente foi o motivo da origem do novo nome do município.

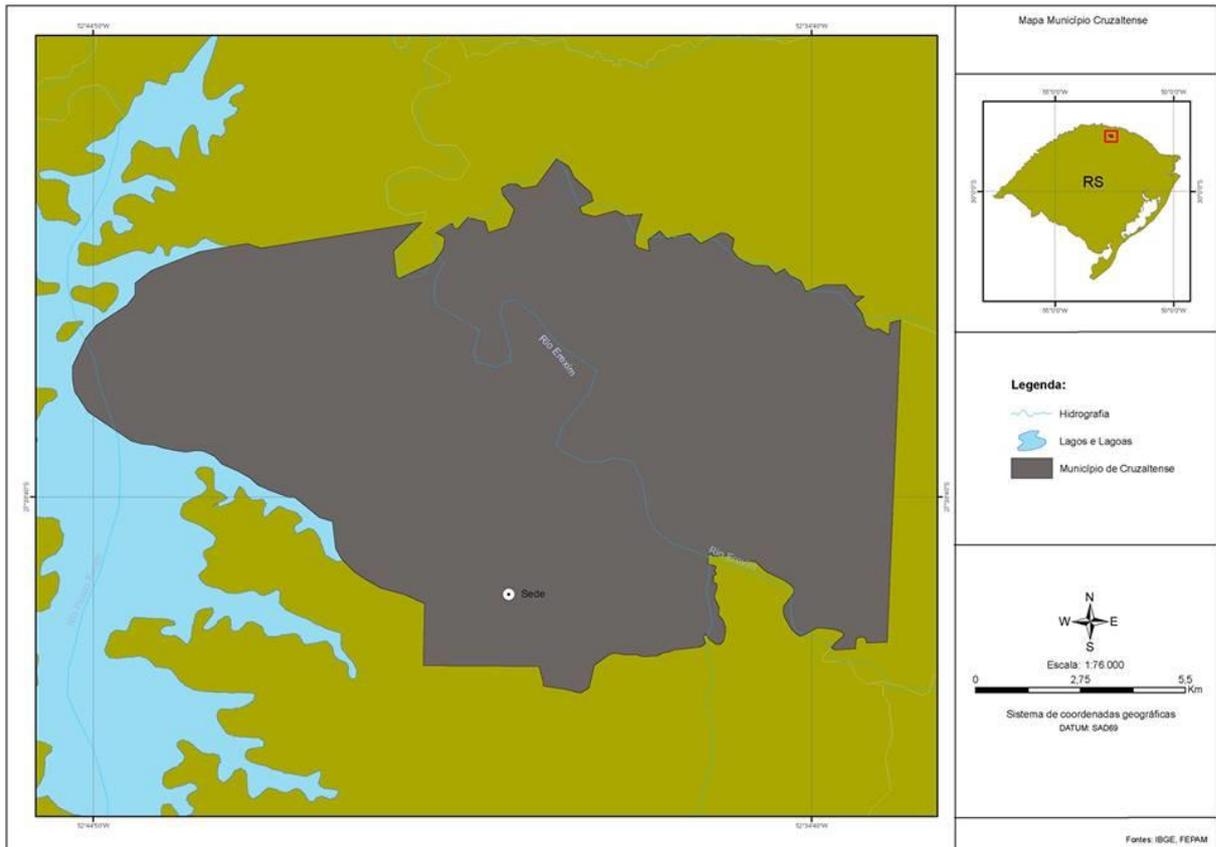
Diante dessa nova dinâmica econômica advinda das serrarias, facilitou ainda mais a chegada de novos habitantes colonizadores, na qual, sua grande maioria eram descendente de italianos.

Sendo assim, alguns colonos migraram para este local, objetivando construir neste espaço uma nova vida. No entanto, “[...] grande parte dos que migraram buscaram espaços de terra para desenvolver atividades agrícolas muito parecidas com as que já desenvolviam”. (TEDESCO, 2001, p.44).

Assim, conforme a mata era retirada, os novos habitantes foram logo regularizando os estabelecimentos e instalando a propriedade privada da terra, objetivando a produção e o cultivo de produtos agrícolas. Contudo, isso dificultou e de certa forma expulsou muitas famílias de caboclos que viviam nessas terras de forma não “regularizada”. Isso implicou na desterritorialização de alguns caboclos que acabaram migrando para outras regiões, enquanto que alguns outros resistiram, regularizaram suas terras e acabaram convivendo com os novos habitantes.

Depois de inúmeras tentativas de emancipação do município, em 1996, Cruzaltense (Mapa 2), emancipa-se do município de Campinas do Sul, na qual desde 1979 era distrito deste.

Mapa 2: Município de Cruzaltense-RS



Fonte: Ana Paula Bertotti e Renato Gonzales (2014).

Desta forma, o município que politicamente teria se tornado um “único território”, abrangendo uma área de 166,883 km<sup>2</sup>, em termos geomorfológicos e sociais não tem mostrado muito isso.

Ao fazermos uma análise geomorfológica no município, tendo como foco uma metodologia qualitativa a partir de trabalho de campo da pesquisa, e baseado em análises feitas já anteriormente, percebe-se que este apresenta em seu relevo certa heterogeneidade apresentada de forma bem nítida. (Figura 2).

A metade leste do município apresenta um relevo íngreme, bem acidentado, também conhecido como “pirambeiras”, enquanto que a metade oeste, onde encontra-se a área urbana do município, apresenta um relevo bem mais plano.

Figura 2: Imagem de satélite do município de Cruzaltense-RS



Fonte: Google Earth(2014) e IBGE (2000). Adaptado. (Ana Paula Bertotti, 2014).

Como observado na figura acima (Figura 2), o rio Erechim divide o município em duas partes. Essa divisa ajuda a tornar mais evidente a divisão territorial, caracterizando então, as comunidades denominadas como: “de cá do rio” (Figura 3) e “de lá do rio”(Figura 4).

Outro aspecto que acaba por fazer essa “divisão territorial” é o tamanho dos estabelecimentos. No lado com terreno mais plano, o tamanho dos estabelecimentos em boa parte delas são maiores se comparado com o tamanho dos estabelecimentos onde se encontra relevo mais acidentado.

Além disso, de certa forma, a dinâmica produtiva agrícola do município acontece de forma diferenciada entre ambos os lados.

Figura 3: Linha Vertente Baccin – “Lado de cá do rio”.



Fonte: Elton Strada. Disponível em: <[imoveisbrasil.org/cruzaltense\\_rio-grande-do-sul](http://imoveisbrasil.org/cruzaltense_rio-grande-do-sul)> Acesso em: 25 jun 2014.

Figura 4: Linha Palmeirinha – “Lado de lá do rio”.



Fonte: Ana Paula Bertotti (2014).

Os estabelecimentos com terrenos mais íngremes e acidentados (Figura 4), dificilmente conseguem produzir com o apoio de implementos agrícolas mecanizados, na qual estes não se adaptam as condições geomorfológicas do terreno.

Desta forma, o trabalho manual ou com uso de equipamentos de tração animal em alguns estabelecimentos deste tipo ainda se mantem, no entanto, estes não conseguem acompanhar a dinâmica produtiva de outros estabelecimentos, sendo que, diante da modernização agrícola, estas especificidades geomorfológicas não são levadas em conta.

Diante de tais análises, fica a pergunta: será que o êxodo da jovem rural no município vem acontecendo da mesma forma nos dois lados do rio Erechim? Será que os jovens de ambos os lados encontram as mesmas oportunidades e incentivos de permanência no campo?

No entanto, para poder responder a tal pergunta é necessário entendermos algumas características relacionadas à população, economia e agropecuária do município e microrregião geográfica a qual pertence, uma vez que, os municípios desta se assemelham muito com o município de Cruzaltense.

Além disso, optou-se também eu fazer uma caracterização multidimensional do município, tais como: características sociais, culturais e geopolíticas.

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO POPULACIONAL, ECONÔMICA E AGROPECUÁRIA

Para podermos entender algumas características relacionadas à população, economia e agropecuária do município de Cruzaltense, é necessário analisarmos também, estas mesmas características da microrregião geográfica de Erechim-RS, na qual o município pertence, uma vez que, os municípios desta microrregião se assemelham muito com o município de Cruzaltense. Trata-se de olhar a questão em escala mais ampla, na qual este fenômeno não se limita ao município. Além disso, por o município ter sido recentemente emancipado, encontrou-se certa dificuldade de encontrar dados específicos deste referentes a década de 1990.

Desta forma, segundo dados do Censo Demográfico (IBGE, 1991 e 2010), os dados da população total da microrregião geográfica de Erechim, entre os anos de 1991 a 2010 só aumentaram, registrando um aumento de mais de cinco mil habitantes.

No entanto, mesmo diante deste aumento populacional total na microrregião, observa-se uma nítida diferenciação se levarmos em conta a situação de domicílios. Enquanto que no ano de 1991 o espaço rural apresentava em torno de 95 mil habitantes, no ano de 2010,

reduziu-se a menos de 58 mil habitantes residindo nestes locais, totalizando uma diminuição de em torno de 39 %.

O esvaziamento populacional juvenil no meio rural, nesta microrregião Geográfica analisada é ainda mais crescente a cada censo demográfico. Segundo os dados do censo, entre os anos de 1991 a 2010, houve uma redução da população jovem no meio rural muito significativa.

Considerando-se a divisão juvenil por sexo, no que tange a população masculina, de 13.671 jovens entre 15 a 29 anos residentes no meio rural no ano de 1991, reduziu para 6.151 no ano de 2010. Já, a população feminina referente a essa mesma faixa etária, de 11.799 jovens mulheres residentes no meio rural no ano de 1991, reduziu para 5.302 no ano de 2010. Os dados são expressivos, na qual houve uma redução de mais de 50% de população jovem, tanto dos homens, como das mulheres, neste período.

Ao analisarmos os dados do censo (Quadro 1), percebe-se bem nitidamente que, todos os municípios pertencentes à microrregião geográfica analisada, exceto o município de Erechim, registraram perda de população total de jovens entre 15 a 29 anos entre os anos 1991 a 2010. Os percentuais de diminuição desta população jovem destes municípios chegam a alcançar, em alguns casos, como no município de Áurea, mais de 64% de diminuição. Enquanto que, como já citado, o município de Erechim é o único que ganha população total de jovens desta faixa etária neste período, registrando mais de 26% de aumento.

De acordo com os dados do censo, grande parte desta população rural juvenil que tem migrado para os espaços urbanos, não migrou significativamente para as áreas urbanas de seus municípios de origem. Mas sim, de acordo com os dados percebe-se que, a cidade de Erechim, por possuir um caráter de cidade polarizadora, é quem acaba concentrando grande parte desta população, sejam elas vindas de áreas urbanas ou rurais dos municípios menores desta microrregião geográfica.

Quadro 1: População 15 a 29 anos microrregião geográfica de Erechim.

<b>Microrregião geográfica de Erechim – RS</b>									
<b>População residente 15 a 29 anos</b>									
<b>Municípios</b>	<b>TOTAL</b>			<b>RURAL</b>			<b>URBANO</b>		
	<b>1991</b>	<b>2010</b>	<b>Variação (%)</b>	<b>1991</b>	<b>2010</b>	<b>Variação (%)</b>	<b>1991</b>	<b>2010</b>	<b>Variação (%)</b>
<b>Aratiba</b>	2835	1391	- 50,93	2147	596	- 72,24	688	795	15,55
<b>Áurea</b>	2019	708	- 64,93	1682	367	- 78,18	337	341	1,19
<b>Barão de Cotegipe</b>	1912	1491	- 22,02	1377	489	- 64,49	535	1002	87,29
<b>Barra do Rio Azul</b>	-	407	-	-	338	-	-	69	-
<b>Benjamin Constant do Sul</b>	-	576	-	-	491	-	-	85	-
<b>Campinas do Sul</b>	2273	1224	- 46,15	1365	240	- 82,42	908	984	8,37
<b>Carlos Gomes</b>	-	329	-	-	249	-	-	80	-
<b>Centenário</b>	-	625	-	-	426	-	-	199	-
<b>Cruzaltense</b>	-	452	-	-	325	-	-	127	-
<b>Entre Rios do Sul</b>	1101	632	- 42,60	692	177	- 74,42	409	455	11,25
<b>Erebango</b>	896	728	- 18,75	348	278	- 20,11	548	450	-17,88
<b>Erechim</b>	19963	25297	26,72	2592	1149	- 55,67	17371	24148	39,01
<b>Erval Grande</b>	1923	1183	- 38,48	1419	512	- 63,92	504	671	33,13
<b>Estação</b>	1507	1430	- 5,11	301	200	- 33,55	1206	1230	1,99
<b>Faxinalzinho</b>	796	539	- 32,29	742	266	- 64,15	54	273	405,56
<b>Florianópolis</b>	-	388	-	-	333	-	-	55	-
<b>Gaurama</b>	1713	1238	- 27,73	1039	478	- 53,99	674	760	12,76
<b>Getúlio Vargas</b>	5237	3848	- 26,52	1874	463	- 75,29	3363	3385	0,65
<b>Ipiranga do Sul</b>	647	400	- 38,18	494	280	- 43,32	153	120	-21,57
<b>Itatiba Do Sul</b>	1785	852	- 52,27	1415	513	- 63,75	370	339	-8,38
<b>Jacutinga</b>	1640	841	- 48,72	1192	208	- 82,55	448	633	41,29
<b>Marcelino Ramos</b>	1752	1104	- 36,99	1002	497	- 50,40	750	607	-19,07
<b>Mariano Morro</b>	830	448	- 46,02	600	195	- 67,50	230	253	10,00
<b>Paulo Bento</b>	-	423	-	-	283	-	-	140	-
<b>Ponte Preta</b>	-	353	-	-	223	-	-	130	-
<b>Quatro Irmãos</b>	-	419	-	-	174	-	-	245	-
<b>São Valentim</b>	1960	758	- 61,33	1553	393	- 74,69	407	365	-10,32
<b>Severiano de Almeida</b>	1181	848	- 28,20	953	498	- 47,74	228	350	53,51
<b>Três Arroios</b>	923	535	- 42,04	790	311	- 60,63	133	224	68,42
<b>Viadutos</b>	2450	1127	- 54,00	1893	502	- 73,48	557	625	12,21

Fonte: Censos Demográficos (IBGE, 1991 e 2010). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Ao analisarmos os dados populacionais com relação ao município de Cruzaltense, necessitamos anteriormente fazermos uma breve análise dos dados populacionais totais do município de Campinas do Sul, uma vez que o desmembramento territorial entre estes dois municípios é muito recente. Desta forma, optou-se por fazer uma análise populacional do município de Campinas do Sul entre os anos de 1991 a 2000, enquanto que a análise dos dados de Cruzaltense somente a partir do ano de 2000.

Observa-se que, os dados populacionais totais do município de Campinas do Sul, entre este intervalo de tempo analisado, 1991 a 2000, embora que de forma pouco expressiva, apresentou redução no número total de habitantes. Já de imediato, é possível evidenciar com isso, que, o aumento do número total de habitantes no meio urbano na microrregião geográfica de Erechim, verificado anteriormente, também pode ser analisado como reflexo desde esvaziamento populacional destes municípios menores como o de Campinas do Sul. Constata-se assim, que esta diminuição populacional destes pequenos municípios, provavelmente, acaba por concentrar-se na cidade de Erechim, destacando-se como uma cidade polo regional.

Contudo, se ainda levarmos em conta esta mesma análise em relação à situação de domicílio, percebe-se que, os dados apresentados aparecem de forma expressiva, diferente dos dados observado na análise de número de habitantes total. A redução do número de habitantes do meio rural do município com relação ao aumento do número de habitantes no meio urbano são significativos. De 3.449 habitantes que residiam no meio urbano da cidade no ano de 1991, aumentou para 4.431 no ano de 2000, enquanto que, de 5.105 habitantes residindo no meio rural no ano de 1991 diminuiu para 3.827 no ano de 2000, ano este em que os dados populacionais do atual município de Cruzaltense, estavam ainda inclusos.

Desta forma, é possível constatar que, esta expressiva redução relaciona-se principalmente aos jovens, na qual, de 1.365 jovens residentes no meio rural no ano de 1991, restaram apenas 778 no ano de 2000. Ou seja, neste intervalo, houve uma redução de quase 50% dos jovens residentes no espaço rural deste município.

Ao fazermos essa mesma análise unicamente do município de Cruzaltense, a partir das estimativas populacionais do município desde o ano de 2000, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística (FEE), na qual, nesta estimativa, os municípios que tiveram alterações territoriais em 2001 tiveram sua população recalculada para o ano de 2000 conforme sua divisão territorial 2001, percebe-se que, o número de habitantes no município só tem diminuído assim como no município de Campinas do Sul entre os anos anteriormente analisados. Ainda de acordo com dados do Censo Demográfico (IBGE, 2000 e 2010), os

jovens com faixa etária entre 15 a 29 anos, residentes no município de Cruzaltense no ano 2000 eram 487, reduzindo-se para 452 no ano de 2010. Estes mesmos dados são apresentados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), na qual detalha que, dos 487 jovens residentes no ano de 2000, 263 eram homens, e, 224 mulheres, enquanto que, dos 452 jovens que ainda residiam no município no ano de 2010, 237 eram homens, enquanto que, 215 eram mulheres. Constata-se que, embora a redução tanto masculina como feminina tenha se mostrado semelhante, deve-se levar em consideração que estes dados analisados são muito recentes.

Ainda de acordo com os dados disponíveis do Censo Demográfico (IBGE), a partir do ano de 2000, constata-se que este, por apresentar apenas dados do ano de 2010, apresenta uma população juvenil, tanto masculina como feminina residente na espaço rural do município com números bem maiores do que os jovens residentes na espaço urbana do município, uma vez que estes pequenos municípios da microrregião geográfica de Erechim, ainda podem ser considerados predominantemente rurais.

Se analisarmos o Produto Interno Bruto (PIB) destes pequenos municípios da microrregião geográfica, percebe-se que, com exceção do município de Erechim, quase que todos os municípios apresentam uma média de em torno de 40% de PIB agropecuário. (Quadro 2) Observa-se assim, que o município de Cruzaltense assemelha-se muito com estes outros municípios, na qual, apresentou mais de 42% de PIB agropecuário no ano 2011.

Percebe-se que a grande maioria dos municípios da microrregião geográfica, apresentam altos índices do PIB agropecuário se comparado com a média do Rio Grande do Sul no ano de 2010, na qual, de acordo com dados da FEE (2010), o setor agropecuário participou com apenas 8,7% na matriz total do estado. Contudo, conforme Campos (2011), a chamada metade norte gaúcha concentra mais da metade do PIB agropecuário do Estado, no entanto é a que mais expulsa pessoas do campo desde a década de 1970.

Isso talvez possa ser explicado, pela substituição da mão de obra no campo por equipamentos mecanizados. A produção agropecuária, embora que de forma mais concentrada a partir destas inovações, uma vez que nem todos conseguiram acompanhar em mesmo ritmo, manteve-se em destaque em grande parte destes pequenos municípios da microrregião geográfica. Desta forma, quando a mão de obra de todos os membros da família não torna-se mais tão necessária, alguém precisa migrar, assim, quem acaba tendo mais “prioridade” de ficar no campo são os pais, que ainda possuem o papel de “líderes familiares”. Dentre os filhos, as filhas mulheres geralmente são sujeitas a sair primeiramente que qualquer outra pessoa, sendo que, dificilmente estas tornam-se protagonistas no campo.

Quadro 2: Valor Adicionado Bruto (VAB) – agropecuária.

<b>Valor Adicionado Bruto (VAB) – Agropecuária Municípios da Microrregião Geográfica de Erechim</b>			
<b>Municípios</b>	<b>AGROPECUÁRIA</b>		
	<b>1999</b>	<b>2011</b>	<b>Variação</b>
<b>Aratiba</b>	23,4%	14,5%	-8,8%
<b>Áurea</b>	36,0%	34,3%	-1,7%
<b>Barão de Cotegipe</b>	45,1%	34,7%	-10,3%
<b>Barra do Rio Azul</b>	48,1%	56,4%	8,3%
<b>Benjamin Constant do Sul</b>	32,8%	34,0%	1,2%
<b>Campinas do Sul</b>	38,4%	27,9%	-10,4%
<b>Carlos Gomes</b>	44,7%	44,9%	0,2%
<b>Centenário</b>	46,3%	45,2%	-1,1%
<b>Cruzaltense</b>	-	42,1%	-
<b>Entre Rios do Sul</b>	14,6%	13,7%	-0,9%
<b>Erebango</b>	45,4%	44,8%	-0,6%
<b>Erechim</b>	4,0%	1,9%	-2,0%
<b>Erval Grande</b>	34,6%	43,9%	9,3%
<b>Estação</b>	9,0%	13,4%	4,5%
<b>Faxinalzinho</b>	41,2%	38,6%	-2,6%
<b>Floriano Peixoto</b>	47,3%	47,8%	0,5%
<b>Gaurama</b>	27,5%	25,1%	-2,5%
<b>Getúlio Vargas</b>	13,8%	16,7%	2,8%
<b>Ipiranga do Sul</b>	48,5%	49,4%	0,8%
<b>Itatiba do Sul</b>	31,4%	40,3%	8,9%
<b>Jacutinga</b>	41,3%	34,0%	-7,4%
<b>Marcelino Ramos</b>	26,4%	31,7%	5,3%
<b>Mariano Moro</b>	39,9%	42,4%	2,6%
<b>Paulo Bento</b>	-	40,4%	-
<b>Ponte Preta</b>	51,1%	46,6%	-4,5%
<b>Quatro Irmãos</b>	-	59,2%	-
<b>São Valentim</b>	35,4%	29,4%	-6,1%
<b>Severiano de Almeida</b>	40,6%	45,2%	4,6%
<b>Três Arroios</b>	47,2%	46,0%	-1,2%
<b>Viadutos</b>	34,1%	41,2%	7,1%

Fonte: Indicadores (FEE, 1999 e 2011). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Em contrapartida a isso, é possível observar a partir do PIB indústria (Quadro 3), que este apresentou certa variação entre os anos 1999 e 2011. Percebe-se que, enquanto alguns municípios registraram um aumento considerável, como no caso de Erechim, aumentando mais de 11%, Aratiba mais de 21% e Jacutinga com mais de 12%, a outra grande maioria de municípios manteve-se com um PIB semelhante entre os dois anos analisados ou apresentaram uma leve redução. Evidencia-se assim, que ocorre certa dificuldade de alguns

municípios de gerar empregos nas indústrias, principalmente os recentemente emancipados, assim como o caso do município de Cruzaltense. Desta forma, mais uma vez, pode-se constatar que Erechim vem ocupando um lugar de cidade polarizadora na microrregião geográfica, na qual concentrou mais de 38% do PIB indústria em 2011.

Quadro 3: Valor Adicionado Bruto (VAB) – indústria.

<b>Valor Adicionado Bruto (VAB) – Indústria</b>			
<b>Municípios da Microrregião Geográfica de Erechim</b>			
<b>Municípios</b>	<b>INDÚSTRIA</b>		
	<b>1999</b>	<b>2011</b>	<b>Variação</b>
<b>Aratiba</b>	41,6%	62,7%	21,1%
<b>Áurea</b>	8,7%	8,9%	0,2%
<b>Barão de Cotegipe</b>	8,2%	11,5%	3,3%
<b>Barra do Rio Azul</b>	5,0%	4,7%	-0,3%
<b>Benjamin Constant do Sul</b>	7,9%	6,9%	-1,0%
<b>Campinas do Sul</b>	6,9%	7,4%	0,5%
<b>Carlos Gomes</b>	5,0%	5,3%	0,4%
<b>Centenário</b>	4,9%	5,7%	0,8%
<b>Cruzaltense</b>	-	6,9%	-
<b>Entre Rios do Sul</b>	53,7%	53,3%	-0,4%
<b>Erebango</b>	9,5%	12,9%	3,4%
<b>Erechim</b>	27,0%	38,4%	11,4%
<b>Erval Grande</b>	6,5%	7,4%	0,8%
<b>Estação</b>	39,6%	40,5%	1,0%
<b>Faxinalzinho</b>	5,4%	6,3%	0,9%
<b>Florianópolis</b>	5,3%	7,7%	2,4%
<b>Gaurama</b>	19,8%	27,8%	8,0%
<b>Getúlio Vargas</b>	22,3%	19,4%	-2,9%
<b>Ipiranga do Sul</b>	3,7%	10,2%	6,5%
<b>Itatiba do Sul</b>	8,2%	6,8%	-1,4%
<b>Jacutinga</b>	8,0%	20,6%	12,6%
<b>Marcelino Ramos</b>	12,5%	11,6%	-0,9%
<b>Mariano Moro</b>	7,2%	6,2%	-1,0%
<b>Paulo Bento</b>	-	23,1%	-
<b>Ponte Preta</b>	4,7%	7,2%	2,4%
<b>Quatro Irmãos</b>	-	3,5%	-
<b>São Valentim</b>	5,3%	11,6%	6,3%
<b>Severiano de Almeida</b>	5,8%	6,0%	0,2%
<b>Três Arroios</b>	4,9%	6,4%	1,6%
<b>Viadutos</b>	6,3%	6,2%	0,0%

Fonte: Indicadores (FEE, 1999 e 2011). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

O PIB referente aos serviços, assim como o PIB agropecuária, tem merecido certo destaque nestes pequenos municípios, na qual manteve-se semelhante nestes últimos anos analisados. (Quadro 4). No município de Cruzaltense, é representado por mais de 50%.

Quadro 4: Valor Adicionado Bruto (VAB) – Serviços

<b>Valor Adicionado Bruto (VAB) – Serviços</b>			
<b>Municípios da Microrregião Geográfica de Erechim</b>			
<b>Municípios</b>	<b>SERVIÇOS</b>		
	<b>1999</b>	<b>2011</b>	<b>Variação</b>
<b>Aratiba</b>	35,1%	22,8%	-12,3%
<b>Áurea</b>	55,3%	56,7%	1,5%
<b>Barão de Cotegipe</b>	46,8%	53,8%	7,1%
<b>Barra do Rio Azul</b>	46,9%	38,9%	-8,0%
<b>Benjamin Constant do Sul</b>	59,3%	59,1%	-0,2%
<b>Campinas do Sul</b>	54,7%	64,6%	9,9%
<b>Carlos Gomes</b>	50,4%	49,8%	-0,6%
<b>Centenário</b>	48,8%	49,0%	0,3%
<b>Cruzaltense</b>	-	51,1%	-
<b>Entre Rios do Sul</b>	31,7%	33,0%	1,3%
<b>Erebango</b>	45,1%	42,3%	-2,7%
<b>Erechim</b>	69,1%	59,7%	-9,4%
<b>Erval Grande</b>	58,9%	48,8%	-10,1%
<b>Estação</b>	51,5%	46,0%	-5,4%
<b>Faxinalzinho</b>	53,4%	55,1%	1,7%
<b>Floriano Peixoto</b>	47,4%	44,5%	-2,8%
<b>Gaurama</b>	52,7%	47,1%	-5,6%
<b>Getúlio Vargas</b>	63,9%	63,9%	0,0%
<b>Ipiranga do Sul</b>	47,8%	40,5%	-7,3%
<b>Itatiba do Sul</b>	60,4%	52,8%	-7,5%
<b>Jacutinga</b>	50,7%	45,5%	-5,3%
<b>Marcelino Ramos</b>	61,1%	56,7%	-4,4%
<b>Mariano Moro</b>	53,0%	51,4%	-1,5%
<b>Paulo Bento</b>	-	36,5%	-
<b>Ponte Preta</b>	44,1%	46,2%	2,0%
<b>Quatro Irmãos</b>	-	37,2%	-
<b>São Valentim</b>	59,3%	59,1%	-0,2%
<b>Severiano de Almeida</b>	53,6%	48,8%	-4,8%
<b>Três Arroios</b>	48,0%	47,6%	-0,4%
<b>Viadutos</b>	59,7%	52,6%	-7,1%

Fonte: Indicadores (FEE, 1999 e 2011). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Ainda nos cabe destacar aqui, que de forma geral, exceto o município de Erechim, todos os outros municípios da microrregião geográfica, apresentam um PIB total razoavelmente baixo (Quadro 5).

Quadro 5: Valor Adicionado Bruto (VAB) - Total.

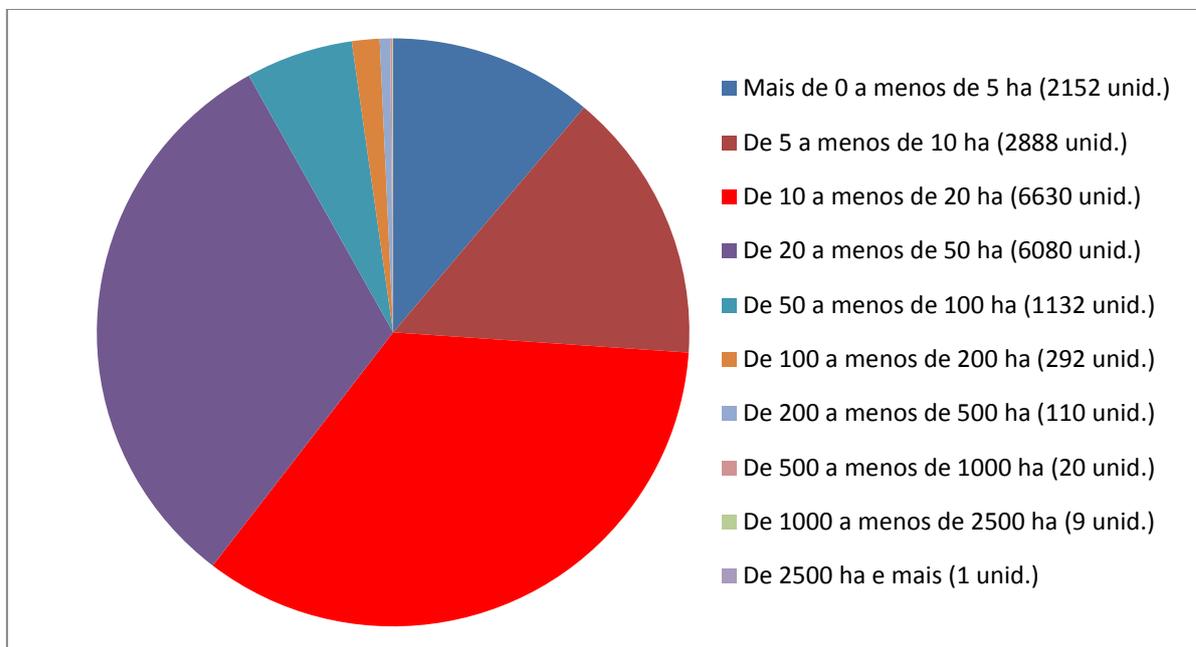
<b>Valor Adicionado Bruto (VAB) – Total – 2011</b>	
<b>Municípios da Microrregião Geográfica de Erechim</b>	
<b>Municípios</b>	<b>Total</b>
<b>Aratiba</b>	382.295.680
<b>Áurea</b>	57.430.124
<b>Barão de Cotegipe</b>	111.762.531
<b>Barra do Rio Azul</b>	38.569.380
<b>Benjamin Constant do Sul</b>	23.269.009
<b>Campinas do Sul</b>	104.248.777
<b>Carlos Gomes</b>	24.079.129
<b>Centenário</b>	40.338.960
<b>Cruzaltense</b>	37.151.903
<b>Entre Rios do Sul</b>	101.134.727
<b>Erebango</b>	59.621.898
<b>Erechim</b>	2.382.436.546
<b>Erval Grande</b>	75.152.139
<b>Estação</b>	130.570.189
<b>Faxinalzinho</b>	35.270.191
<b>Floriano Peixoto</b>	35.815.414
<b>Gaurama</b>	119.652.826
<b>Getúlio Vargas</b>	271.072.833
<b>Ipiranga do Sul</b>	58.654.348
<b>Itatiba do Sul</b>	49.645.384
<b>Jacutinga</b>	75.298.230
<b>Marcelino Ramos</b>	74.469.127
<b>Mariano Moro</b>	31.102.452
<b>Paulo Bento</b>	47.383.969
<b>Ponte Preta</b>	30.037.480
<b>Quatro Irmãos</b>	49.944.241
<b>São Valentim</b>	57.098.418
<b>Severiano de Almeida</b>	66.209.336
<b>Três Arroios</b>	44.782.640
<b>Viadutos</b>	76.606.455

Fonte: Indicadores (FEE, 2011). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Ainda de acordo com os dados agropecuários (IBGE, 2006), referentes à estrutura fundiária da microrregião geográfica de Erechim, deve-se, levar em conta que, a grande maioria dos estabelecimentos rurais desses pequenos municípios da microrregião geográfica, podem ser considerados como pequenos estabelecimentos.

O número de estabelecimentos agropecuários na microrregião geográfica somava-se no ano de 2006, em 19.448. Estes, apresentavam estabelecimentos com área desde mais de 0 a menos de 0,1 ha até de 2.500 ha e mais. O grupo de estabelecimentos que mais se destacou dentre estes 19.448 totais é um número de 6.630 estabelecimentos, os quais apresentavam uma área total de 10 a menos de 20 ha. O grupo de área total entre 20 a menos de 50 ha também merece destaque, na qual este abarcava no ano de 2006, 6.080 estabelecimentos. (Gráfico 1).

Gráfico 1: Número de estabelecimentos agropecuários - Microrregião geográfica de Erechim - RS – 2006



Fonte: Censo agropecuário (IBGE, 2006). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

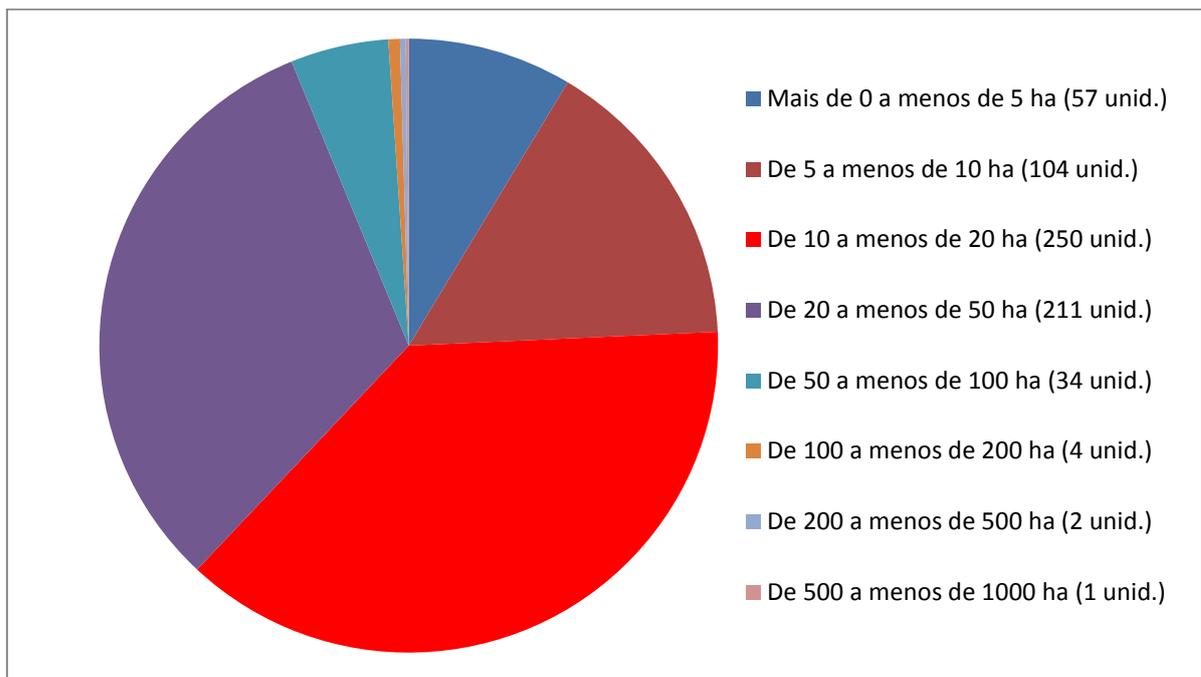
Em suma, dos 19.448 estabelecimentos, 17.750 situam-se nos estratos de até menos de 50 ha, representando assim, mais de 91%, com relação ao número total. A partir destes dados, evidencia-se que, a microrregião geográfica é caracterizada predominantemente por pequenos estabelecimentos.

Diante disso, é importante atentarmos para estes índices, uma vez que, os processos de modernização no campo, condicionou um aumento considerável nos processos de migração nestes municípios representados em predominância por pequenos estabelecimentos.

O município de Cruzaltense é um exemplo disso, na qual, conforme mostrado no gráfico abaixo, dos 666 estabelecimentos totais apresentados no ano de 2006, 622 situam-se

nos estratos de até menos de 50 ha, representando desta forma, mais de 93% com relação ao número total de estabelecimentos no município.

Gráfico 2: Número de estabelecimentos agropecuários - Município de Cruzaltense - RS – 2006.



Fonte: Censo agropecuário (IBGE, 2006). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Observa-se assim, que o município apresenta em sua grande maioria pequenos estabelecimentos. A partir destes dados, pode-se constatar que, a sucessão da agricultura familiar nestes estabelecimentos tem se tornado menos provável, e menos ainda nos casos de famílias maiores, na qual a partilha das terras torna-se ainda mais problemática.

Ainda de acordo com os dados agropecuários (IBGE, 2006), quanto ao uso da terra nestes estabelecimentos da microrregião geográfica, dentre o número total de estabelecimentos, 7.926 faziam o uso da terra com lavouras permanentes, enquanto que 17.570 utilizavam a terra para lavouras temporárias. No município de Cruzaltense, apenas 55 faziam uso da terra a partir de lavouras permanentes, enquanto que 633 utilizavam a terra com lavouras temporárias.

Cabe destacar aqui, que estas áreas destinadas à lavoura temporária, embora sejam bem maiores do que as áreas destinadas a lavouras permanentes, ainda aparecem de forma bem concentrada. Observa-se, a partir do quadro abaixo, que a área destinada à colheita de

soja, milho e trigo no ano de 2006, na microrregião geográfica de Erechim, totalizou a mais de 90% em relação a área total destinada a lavouras temporárias neste mesmo ano.

Quadro 6: Lavoura temporária.

<b>Lavouras temporárias (área colhida - ha)-Microrregião geográfica de Erechim-RS</b>				
<b>Produtos</b>	<b>1995</b>	<b>2006</b>	<b>Participação 1995</b>	<b>Participação 2006</b>
<b>Total (Lav. Temporária)</b>	261.436	285.554	100	100
<b>Arroz em casca</b>	1.130	35	0,43	0,01
<b>Cana-de-açúcar</b>	1.886	476	0,72	0,17
<b>Feijão em grão</b>	18.729	9.202	7,16	3,22
<b>Mandioca</b>	1.920	763	0,73	0,27
<b>Milho em grão</b>	108.630	96.627	41,55	33,84
<b>Soja em grão</b>	102.983	132.025	39,39	46,23
<b>Trigo em grão</b>	12.354	31.791	4,73	11,13

Fonte: Censo agropecuário (IBGE, 1995 e 2006). Organização: Ana Paula Bertotti (2014).

Desta forma, é possível constatar que, o uso da terra no município de Cruzaltense também se assemelha muito com a microrregião geográfica de Erechim, na qual este, como já verificado anteriormente, também apresenta um maior uso da terra em lavouras temporárias, e desta forma, assim como a microrregião geográfica na qual pertence, certamente concentra-se principalmente na colheita de soja, trigo e milho.

Ao analisarmos dados mais detalhados da produção agrícola do município de Cruzaltense, a partir de uma pesquisa feita pelo Empreendimento de Assistência Técnica Rural (EMATER), do município, é possível constatar certa diferenciação produtiva em relação aos dois lados do rio que separa o município.

De acordo com os dados, as comunidades rurais, que pertencem ao lado leste, com terrenos mais íngremes no município apresentam uma área total de produção de soja de aproximadamente 1.587 hectares, somando uma área de produção de soja, trigo e milho de aproximadamente 2.900 hectares. Já, as comunidades pertencentes ao lado oeste do município, com terrenos mais planos, apresentam uma área total de produção de soja de aproximadamente 5.430 hectares, somando-se uma área de produção de soja, trigo e milho de mais de 9.100 hectares. Ao analisarmos estes dados, é necessário destacar que, de acordo com a área total do município ambos os lados apresentam uma área total semelhante, mas em relação às áreas que podem ser destinadas a produção agrícola, mostram-se extremamente diferentes.

Mais recentemente, é possível observar certa intensificação com atividades leiteiras na microrregião como um todo, não sendo diferente no município de Cruzaltense. De acordo com os dados do IBGE, a quantidade total produzida de leite de vaca em 1995 era de 97.212.567 litros, aumentando para 175.847.000 litros no ano de 2006.

Percebe-se que estas atividades, especialmente em terrenos mais íngremes, surgem como uma alternativa de diversificação produtiva, bem como a possibilidade de renda mensal, ao contrário das culturas temporárias que oferecem apenas uma renda anual.

Diante de toda essa caracterização referente à população, a economia e a agropecuária da microrregião geográfica de Erechim e do município de Cruzaltense, foi possível perceber diversos elementos que podem ser considerados importantes para entender a questão do êxodo da jovem rural em Cruzaltense:

- Observou-se que, o êxodo rural vem acontecendo de forma muito acelerado em quase que todos os municípios da microrregião geográfica de Erechim, na qual, dentre os que mais migram, destacam-se os jovens;
- Percebeu-se ainda, que essa população rural que tem migrado, na maioria dos casos, não tem migrado para a cidade de seus municípios de origem, mas de acordo com dados analisados, percebe-se indícios de que muitos tem migrado para a cidade de Erechim, na qual esta tem mostrado um crescimento de mais de 39% num período de menos de 20 anos. Caracterizando a cidade de Erechim como uma cidade polarizadora enquanto que estes pequenos municípios predominantemente rurais. Essa caracterização também pode ser observada a partir da análise do PIB, na qual mostra altos índices em relação ao PIB agropecuário na maioria dos municípios da microrregião de Erechim, exceto Erechim, enquanto que esta tem apresentado altos índices com relação ao PIB indústria;
- A caracterização agropecuária mostrou que o uso da terra na microrregião geográfica de Erechim, concentra-se em três produtos principais, a colheita de soja, trigo e milho. Esta concentração produtiva tende a contribuir ainda mais para o processo migratório dos jovens rurais, uma vez que, o trabalho manual anteriormente ocupado na policultura, agora é substituído pelo uso de equipamentos totalmente mecanizados destinados a essas monoculturas agrícolas. Essa concentração produtiva também é muito visível no município de Cruzaltense, a qual desta forma acaba influenciando ainda mais os processos migratórios,

- Por fim, a caracterização referente a dinâmica produtiva agropecuária dos dois lados do município, demonstrou alguns indicativos referente a quem tende a ter mais oportunidades financeiras de permanência no campo entre os jovens rurais do município, neste caso, os jovens residentes no lado oeste, “lado de cá do rio”. Uma vez que, estes apresentam áreas mais propícias para o cultivo agrícola, uma das principais atividades econômicas do município.

#### 4.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Atualmente o município de Cruzaltense, abrange diversas comunidades rurais. Estas há alguns anos atrás, desenvolviam-se e relacionavam-se num ritmo diferente do atual.

A construção da capela sempre foi o passo inicial para a constituição de cada uma das comunidades rurais do município, na qual é ali, que as atividades de lazer estavam sempre, ou quase sempre centralizadas. Era o local mais frequentado por todos os moradores. Participar das liturgias semanalmente e das missas mensalmente era algo sagrado para os membros de cada comunidade, na qual as igrejas ficavam lotadas, o que tem se mostrado bem diferente nos dias atuais. No entanto, a diferenciação de atividades desempenhadas entre homens e mulheres na capela é bem nítida em quase todas as comunidades, na qual até mesmo o local de reza dentro da igreja separa as mulheres de um lado e os homens de outro. As mulheres sócias são escaladas de limpar a igreja, de enfeitar a santa, de preparar os doces e bolo e de ficar na cozinha em dias de festas, entre outras atividades, enquanto que aos homens cabe cuidar da copa de bebidas do clube comunitário.

Quase todas as comunidades, possuíam casas de comércio ou “bodegas” como eram chamadas, e com isso possibilitava a compra de alguns produtos alimentícios e tecidos para a confecção de roupas, uma vez que, nesta época era muito difícil encontrar roupas prontas para comprar e quanto tinha eram muito caras. No entanto, essa autossuficiência camponesa vai mudando com a especialização produtiva.

Além disso, as comunidades rurais contavam também com algumas casas de comércio que compravam e vendiam produtos agrícolas produzidos no município.

Se tratando da juventude rural destas comunidades, cabe aqui ressaltar que, há alguns anos atrás, como havia um elevado número de jovens que residiam no meio rural, quase que todas as comunidades contavam com grupo de jovens formado, enquanto que atualmente, dificilmente encontram-se grupos de jovens atuando nas comunidades, uma vez que, os jovens que permaneceram nas comunidades são poucos.

Contudo, as transformações do modo de vida comunitário podem ser percebidas ao longo do tempo. Muitos hábitos foram se perdendo com o processo de modernização no campo. No entanto, cabe aqui destacarmos que o problema não é a modernização em si, mas a exclusão social que ela trás consigo.

Aeducação, especificamente a fundamental, era desenvolvida na cidade e nas próprias comunidades rurais, na qual, cada estudante frequentava a escola de sua comunidade. No entanto, com o passar do tempo, a maioria das escolas rurais foram fechando, e algumas ainda com o passar do tempo foram destruídas para fazer uso do solo para o plantio agrícola. (Figura 5 e 6). Este fato, mais uma vez, deixa indicativos de que o campo vai se tornando cada vez mais unicamente como um espaço de produção.

Figura 5: Escola Municipal Dona Clara Camarão. Comunidade Linha Santa Cruz – Cruzaltense. Desativada em 2009.



Fonte: Suzana F. B. Medeiros (2010). (A escola manteve-se sem atividades letivas entre os anos de 2005 a 2009 devido à falta de alunos matriculados, sendo então utilizada para outros fins: Sala de vacinação, de votação etc)

Figura 6: Terreno onde se localizava a Escola Municipal Dona Clara Camarão. Comunidade Linha Santa Cruz – Cruzaltense. Demolida no ano de 2012.



Fonte: Ana Paula Bertotti (2014).

No ano de 2002, quando já quase mais não existiam escolas rurais os alunos dessas comunidades foram direcionados até uma única escola, esta situada ainda no espaço rural, mas já nas proximidades do município. Porém, este deslocamento não durou muitos anos, e, as únicas escolas abertas que restaram no município foram às urbanas. Este processo de nuclearização fica bem claro nas palavras de Tedesco (2002):

A partir da década de 1980, grande parte das sociedades da capela não possuía mais escolas, pois os alunos são nucleados nos espaços urbanos ou, então em uma comunidade bem posicionada em termos de acesso [...] O fechamento da escola, para muitos colonos, significava a retirada de parte do corpo comunitária; significa também um trampolim para os filhos estudarem e saírem do meio rural. (p.60).

O que mais preocupa é que esses processos de nuclearização acontecem em outros inúmeros municípios, ocasionando assim, um imenso *déficit* da oferta de educação no meio rural. Diante disso, evidencia-se que não existem alternativas de escolhas entre estudar no espaço rural ou no espaço urbano, na qual, os estudantes são praticamente obrigados a se submeter a aquilo que para eles é oferecido como única opção.

Se tratando do ensino médio, o município nunca ofereceu esse nível de ensino no meio rural, priorizando ainda mais a possibilidade de alguns estudantes encerrarem seu processo de escolarização ao término do ensino fundamental.

Estes processos tem tornado o meio rural cada vez mais como um ambiente isolado e sem alternativas de escolha, se tornando exclusivamente espaço de produção. A questão de acessibilidade também é uma problemática, na qual o meio rural não recebe as mesmas condições de acesso que o meio urbano, sejam elas em termos de transporte, inclusão digital, entre outros.

O que não deixou de chegar no município de Cruzaltense foram as inovações da chamada “Revolução Verde”, as quais também foram ganhando espaço no município. Inicialmente, o desenvolver das atividades agrícolas nos estabelecimentos era predominantemente manuais ou de tração animal, na qual contavam apenas com a ajuda de alguns instrumentos de trabalho. De acordo com os dados já analisados anteriormente, referentes à dinâmica produtiva da microrregião geográfica de Erechim, pode-se constatar que, a produção agrícola constituía-se basicamente na policultura, na qual geralmente eram produzidos apenas para o sustento familiar.

Posteriormente, com a retirada da mata em grande parte do município a partir da exploração da madeira destinada as serrarias, inicia-se o cultivo de soja, na qual este anteriormente também era cultivado manualmente, desde a plantação até a colheita. No entanto, com o passar do tempo, foram surgindo os novos equipamentos e implementos agrícolas que substituíram em grande parte o trabalho predominantemente manual. Desta forma, embora saibamos que a implementação da técnica tem facilitado o trabalho que antes era feito de forma braçal pelos agricultores, pode-se dizer que estas novas tecnologias provocaram mudanças bruscas na vida do agricultor tradicional.

Conforme Tedesco (2001), a implantação da técnica tem provocado mudanças bruscas nas condições de vida e de trabalho no espaço agrário, urbanizando os estilos de vida, marginalizando colonos tradicionais.

A vida cotidiana do colono tornou-se mais difícil, pois as exigências econômicas obrigam-no à adoção de inovações, de gestão de trabalhos e cuidados acrescidos. Os meios mecânicos facilitam o manuseio, o que não significa que tenham substituído o trabalho, apenas lhe deram maior funcionalidade no sentido da redução do esforço e da eficiência técnica. (TEDESCO, 2001, p.84).

Estas mudanças não foram diferentes no município de Cruzaltense. Com a implantação da técnica os agricultores menos favorecidos economicamente, em sua grande maioria situada no lado leste do município, tiveram que se adaptar as novas exigências implantadas pela modernização. Estas transformações voltadas à dinâmica produtiva fazem acontecer mudanças em todas as outras questões familiares. A mão de obra de vários membros da família anteriormente muito utilizada para o desenvolver das atividades no

estabelecimento vai perdendo força com a chegada dos meios mecanizados. Sendo assim, os jovens são os primeiros a migrar em busca de outras fontes de renda. Dentre estes, as mulheres ainda migram com mais intensidade, uma vez que, os meios mecanizados estão longe de fazerem parte de suas atividades cotidianas realizadas no estabelecimento.

Como já citado anteriormente, percebeu-se no município uma redução gradativa no número de habitantes ao decorrer dos anos, especialmente de jovens, na qual desde sua emancipação, o mesmo apresentou apenas redução do número de habitantes.

As mudanças que o elemento técnico-mecânico do trabalho agrícola promoveu a partir de 1970, intensificadas nas formas variadas de produção pós-década de 1990, não se deram meramente só no âmbito da eficiência, da capitalização do colono, no dinamismo da economia regional. Com elas, também o êxodo rural se fez sentir, pois o colono não inovador passou a sentir-se acuado, desvalorizado, desencantado e atrasado, criando profundas diferenças internas no espaço rural. (TEDESCO, 2001, p.99).

No entanto, nos cabe destacar que, muitas vezes nem o colono dito inovador, tem conseguido manter-se no campo. Ou seja, as inovações não representam um bem comum, estas carregam junto consigo a exclusão.

O papel da jovem também foi mudando ao longo dos anos, pelo menos aparentemente. Anteriormente a jovem não tinha “voz e nem vez”, não sendo possível expor suas opiniões em relação a nada, na qual, cabia aos pais, principalmente ao pai, tomar as decisões referentes ao seu futuro, considerando este como algo “predestinado”. Se alguma jovem não respeitasse as decisões familiares eram “excluídas” da família, não teriam mais os mesmos direitos como antes, e ainda vista com “maus olhos” perante a sociedade patriarcal.

No entanto, essas questões de gênero não se modificaram totalmente com o passar do tempo. Embora hoje, as jovens rurais tenham mais possibilidades de escolha, “[...] dificilmente têm possibilidades de acesso aos rendimentos financeiros advindos da agricultura, nem vislumbram entre as suas possibilidades suceder aos pais na gestão da unidade familiar e terem a propriedade da terra para o exercício autônomo da agricultura”. (KOCZICESKI, 2007, p. 21). Nas palavras de Stropasolas (2004):

[...]o processo sucessório e, de certa forma, toda a organização do processo de trabalho são enviesados contra a mulher. Nas regiões coloniais em que predomina a agricultura familiar, verifica-se um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais. Esse padrão comporta variações e exceções, mas são principalmente os filhos homens que herdam a terra, enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento. (p.254).

Embora saibamos que essas questões de diferenciação de gênero têm mudado muito ao longo dos anos e a mulher tem exercido um papel mais importante perante a sociedade patriarcal, percebe-se ainda, que muitas vezes, principalmente no campo, isso aparece de

forma muito “camuflada”. Dificilmente encontra-se alguma mulher dirigindo algum maquinário agrícola, dificilmente encontra-se alguma mulher em papéis decisórios da produção agrícola familiar. Toda essa exclusão dificulta na continuidade da produção agrícola ainda mais no caso daquelas mulheres que se divorciam de seus maridos ou daquelas que ficam viúvas, uma vez que estas, dificilmente tenham sido protagonistas da produção agrícola no campo em épocas anteriores.

## 5. JOVEM RURAL: PERMANECER NO CAMPO OU MIGRAR PARA A CIDADE?

Neste capítulo apresentaremos algumas discussões a cerca dos dados coletados através dos questionários realizados na pesquisa *in loco*.

Inicialmente apresentaremos o “mapeamento” feito de algumas entidades relacionadas à questão da juventude no município e região, a fim de identificarmos quais são as dimensões políticas envolvendo a juventude rural, como estes compreendem a questão do êxodo da juventude rural e as questões de gênero e como os mesmos têm atuado diante desses problemas. Foram selecionadas para esta análise do trabalho apenas três entidades, as quais foram consideradas de grande vínculo com a questão da juventude rural: ENTREVISTADO E1 da entidade religiosa da igreja católica do município; ENTREVISTADO E2 do Sindicato Unificado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar – Sutraf, que foi criado no ano de 2002 e que está atrelado a um sindicato de base cutista organizado nacionalmente pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar - FETRAF; e, ENTREVISTADO E3 da Cooperativa de Crédito - Cresol.

Posteriormente são apresentados os dados referentes a caracterização socioeconômica dos jovens rurais entrevistados, caracterização esta, que expressa de forma nítida as dimensões culturais do patriarcado expressas nas relações familiares destes sujeitos. Em seguida são abordadas as perspectivas dos jovens em relação à permanência ou não destes no campo. Finalizando, são apresentadas as perspectivas dos jovens que migraram do município de Cruzaltense para outras cidades do entorno.

Aqui nos cabe destacar, que no momento da pesquisa de campo, houve uma grande dificuldade de encontrar jovens mulheres ainda residindo no município. Essa dificuldade já pode ser evidenciada como um forte sinal do êxodo da jovem rural neste município.

### 5.1 AS ENTIDADES E SEUS PROPÓSITOS

De acordo com o ENTREVISTADO E1(2014), participante ativo das atividades da igreja católica no município, da pouca juventude que ainda permanece no município, ainda existe alguns jovens da sede municipal e das comunidades que participam de alguns grupos juvenis, tais como grupo de jovens e grupo esportivo. Os mesmos encontram-se quinzenalmente ou mensalmente, na qual discutem assuntos relacionados ao próprio lazer, a

promoção de eventos festivos, promoção de campeonatos etc. É desta forma, que a igreja católica do município tem atuado com os jovens que ainda permanecem lá.

Ainda de acordo com o ENTREVISTADOE1(2014), um dos movimento que está ganhando força nos últimos anos no município, que aproxima os jovens uns dos outros é o MCC (Movimento de Cursilhos de Cristandade).

É um movimento da igreja católica, na qual os jovens se encontram, conversam, planejam atividades para o bem da sociedade. Os mesmos praticam ações sem fins lucrativos, objetivando auxiliar pessoas carentes, asilos enfim todos aqueles que precisam de ajuda de uma maneira ou de outra, como eles mesmos dizem: O cursilho não se fala, o cursilho se vive. (ENTREVISTADO E1, 2014).

De acordo com a pesquisa feita noSutraf,o ENTREVISTADOE2 (2014), destaca que o sindicato tem trabalhado muito com essa questão do êxodo. “O Sutraf precisa trabalhar com isso, pois depende dos jovens agricultores associados para se manter, assim como os jovens agricultores precisam do sindicato. (ENTREVISTADO E2, 2014). Este ainda fala: “É preciso que no momento deles tomarem as decisões de ficar ou sair do campo estejam diversas alternativas, e que migrar não se torne a única opção. É para isso que o Sutraf vem lutando.” (ENTREVISTADO E2, 2014).

No entanto, ainda na fala do ENTREVISTADO E2 (2014), observa-se certa contradição em relação as metas almejada pelo sindicato na questão dos jovens, na qual, relata que a prioridade do Sutraf é fazer com que os jovens permaneçam nos estabelecimentos, mas que isso seja por vontade própria. Se o objetivo é fazer com que permaneçam, a alternativa deles migrarem, nunca está na pauta para o sindicato, mesmo sendo por vontade própria destes sujeitos.

De acordo comENTREVISTADO E2 (2014), oSutraf tem exercido o papel de negociar políticas públicas com o governo. Embora os dados observados anteriormente provem o contrário, na visão do ENTREVISTADO E2(2014), estas políticas públicas conseguiram frear o êxodo rural, mas o problema agora é a sucessão. “O que ainda torna-se mais problemático é que nós enquanto sindicato, demoramos muito para diagnosticar esse problema, fazem apenas cinco anos que estamos caminhando rumo a esse problema.” (ENTREVISTADO E2, 2014).Na visão do entrevistado, a sociedade geral ainda não está encarando esse problema, essa construção de políticas públicas específicas é muito demorada. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), mais

especificamente o PRONAF - Jovem<sup>2</sup>, por exemplo, foi pouquíssimo acessado, na qual é muito burocrático. E desta forma, de acordo com os relatos, as políticas públicas mais acessadas pelos jovens agricultores são os programas de habitação, programas de crédito fundiário, o PRONAF “normal”, e mais recentemente, as políticas de incentivo em relação às agroindústrias. No entanto, estas por não serem específicas para os jovens acabam sendo muito pouco procuradas também. (ENTREVISTADO E2, 2014).

Ainda de acordo com o ENTREVISTADO E2 (2014), embora, as mulheres jovens também possam acessar essas políticas públicas, dificilmente elas tem procurado, pois dos poucos jovens que estão ficando no campo, o homem é ainda o que mais fica dentre estes. Isso já vem atrelado a uma herança cultural de que a mulher dificilmente fica como sucessora no campo, quando torna-se agricultora, geralmente é apenas pelo casamento. O ENTREVISTADO E2 (2014), ainda fala, que a questão do êxodo rural é responsabilidade de toda sociedade e não só do agricultor, e se o problema é da sociedade o problema é do governo. Assim, relata: “nosso papel é tentar resolver por este viés, ir em busca de alternativas, pois todos os jovens tem direito de escolher o que querem ser, serem agricultores ou trabalhadores assalariados da cidade.” (ENTREVISTADO E2, 2014).

De acordo o ENTREVISTADO E3 (2014), referente a Cooperativa Cresol, a cooperativa busca sempre, a partir de seus programas, dar condições e incentivar o jovem a permanecer na agricultura. Assim, a cooperativa integrou-se numa Linha de Crédito de Investimento para Jovens, o PRONAF - Jovem. No entanto, os jovens rurais não tem procurado muito esse programa, sendo que nem todos conseguem se atender nos pré-requisitos estabelecidos para execução do programa.

Desta forma, de acordo com os relatos do ENTREVISTADO E2 (2014), quanto do ENTREVISTADO E3 (2014), nota-se uma carência muito nítida referente aos incentivos governamentais mais específicos a juventude rural no município.

---

<sup>2</sup>O PRONAF – Jovem é semelhante ao PRONAF “normal”, na qual o mesmo destina-se a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, por meio do financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas. No entanto, este, têm como beneficiários jovens maiores de 16 (dezesseis) anos e com até 29 (vinte e nove) anos, integrantes de unidades familiares, que atendam algumas especificidades exigidas pela cooperativa, tais como a apresentação da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).

## 5.2 VIDA NO CAMPO E FAMÍLIA

A partir dos dados coletados através dos questionários foi possível fazer uma caracterização dos jovens rurais entrevistados.

Para preservar a identidade desses jovens entrevistados, todos eles foram identificados com a sigla JR e numerados sequencialmente, conforme quadro abaixo:

Quadro 7: Dados de identificação jovens rurais

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Endereço/ Distância aproximada da cidade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>
JR1	21 anos	Linha 10 /11Km	Masculino	Ensino Médio Incompleto
JR2	23 anos	Linha Vertente Baccin/ 1,5Km	Masculino	Ensino Superior Incompleto
JR3	16 anos	Linha Santa Cruz/ 10km	Feminino	Ensino Médio Incompleto
JR4	15 anos	Linha Palmeirinha/ 13 Km	Feminino	Ensino Médio Incompleto
JR5	15 anos	Linha Santa Catarina/05 Km	Feminino	Ensino Médio Incompleto
JR6	15 anos	Linha São Roque/04 Km	Feminino	Ensino Médio Incompleto

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

De acordo com o quadro acima é possível observar que, das quatro jovens mulheres entrevistadas, todas ainda estão cursando o ensino médio. Isso pode ser um indicativo de que elas ainda permanecem no campo pelo fato de ainda não terem concluído os estudos, uma vez que, dentre as quatro entrevistadas, todas elas tem como perspectiva migrar para a cidade.

No momento que essas jovens concluírem o ensino médio, provavelmente, elas migrarão, uma vez que, ficarão sem alternativas de prosseguir os estudos universitários morando onde estão devido à distância de deslocamento até a cidade onde estão localizadas as universidades. Isso fica explícito nas palavras da JR5 (2014), a qual destaca que toda juventude quer sempre estudar mais. “Ai conclui o ensino médio e vai para a cidade.”

É possível observar a partir do questionário, que o jovem que apresenta um maior nível de escolaridade é aquele que reside mais próximo da cidade, identificando assim, logo de imediato, a falta de acesso à infraestrutura educacional nas comunidades rurais do município.

Observa-se ainda, que a composição familiar destes jovens entrevistados, apresenta uma estrutura familiar composta por três pessoas ou mais, conforme registro dos questionários. (Quadro 8).

No entanto, nem todos os filhos permaneceram no campo, dentre os quais, migraram para as cidades mais próximas em busca de melhores condições de vida, condições estas que vão se degradando no campo diante do processos de subordinação da agricultura perante a modernização.

Quadro 8: Composição familiar.

<b>Identificação</b>	<b>Composição de membros familiares</b>	<b>Composição de jovens na família (incluindo entrevistado)</b>	<b>Jovens que migraram</b>	<b>Composição de pessoas que se ocupam na agricultura</b>
JR1	4 pessoas	2 jovens	-	4 pessoas
JR2	5 pessoas	3 jovens	2 jovens	3 pessoas
JR3	6 pessoas	2 jovens	2 jovens	3 pessoas
JR4	3 pessoas	1 jovem	-	2 pessoas
JR5	5 pessoas	3 jovens	2 jovens	2 pessoas
JR6	4 pessoas	1 jovem	-	2 pessoas

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Neste sentido, buscando uma melhor caracterização da vida familiar desses seis jovens entrevistados, optou-se em fazer uma breve caracterização familiar de cada um deles:

O JR1 (2014) possui uma família composta por quatro pessoas: além dele, um irmão mais novo que também reside no campo e os pais.

De acordo com JR1 (2014), o principal motivo de todos os membros terem permanecido no campo é o amor pela vida agrícola, pela vida no campo e ao trabalho que os membros da família contribuem no andamento do estabelecimento que possui área total de mais de 50 ha, no qual ali toda a família tem se ocupado em atividades. Dentre as atividades agropecuárias desenvolvidas são lavoura, principalmente com o plantio de soja e atividades com gado leiteiro.

A família tem se ocupado também em atividades agrícolas fora do estabelecimento. Este trabalho refere-se aos serviços de hora máquina com equipamentos mecânicos prestados a outros estabelecimentos que não possuem estes tipos de equipamentos utilizados pela família do jovem, tais como: trator, colheitadeira etc. Esses serviços prestados acontecem principalmente em épocas de plantio e colheita da soja, sendo que este, como já dito anteriormente é o produto agrícola mais produzido no município.

De acordo com esse jovem, o principal motivo do desempenho destas atividades agrícolas fora do estabelecimento refere-se à busca de mais renda para ajudar nas despesas da casa.

Ainda de acordo com o JR1 (2014), ele sempre faz questão de participar das decisões relativas à organização produtiva tomadas no estabelecimento, as quais são quase sempre aceitas pela família, uma vez que, suas principais atribuições no estabelecimento referem-se a atividades na lavoura.

O JR2 (2014) é o filho mais novo de uma família composta por cinco pessoas: ele, um irmão e uma irmã mais velha e os pais. No entanto, dos cinco membros da família somente ele e os pais é quem ainda residem no estabelecimento da família. Os dois irmãos mais velhos migraram para cidade em busca de melhores oportunidades de emprego.

De acordo com ele, a família tem se dedicado também a atividades agrícolas fora do estabelecimento. O jovem presta serviços esporadicamente em alguns estabelecimentos que necessitam de alguns serviços agrícolas a partir do uso de equipamentos agrícolas, que são os mais utilizados pela família do jovem. Estas atividades agrícolas desempenhadas fora do estabelecimento geralmente são buscadas para adquirir dinheiro próprio para comprar bens de uso pessoal, lazer etc.

As principais atribuições desempenhadas no estabelecimento pelo jovem são atividades agropecuárias na lavoura. A área total do estabelecimento fica entre 21 a 30 ha e o principal produto agrícola produzido na lavoura é soja. Participa das decisões relativas à organização produtiva, tomadas no estabelecimento fazem parte do cotidiano do JR2 (2014), as quais, quase sempre são aceitas pelos pais.

De acordo com a caracterização socioeconômica dos dois jovens rurais descrito acima, observa-se que, as atividades relacionadas a dinâmica produtiva no estabelecimento são as principais atividades desempenhadas por ambos os jovens. Desta forma, de acordo com os relatos, tanto o JR1 (2014), quanto o JR2 (2014), pretende permanecer no campo e continuar as atividades agrícolas no estabelecimento.

No entanto é necessário refletirmos sobre as condições agropecuárias e familiares dos dois jovens. Observa-se que, a família do JR1 (2014) apresenta um estabelecimento de extensa área total aos padrões locais, e desta forma, nem um membro familiar migrou para a cidade até então. Diferente deste, o JR2 (2014), pela família apresentar uma área total do estabelecimento não tão extensa, e desta forma, condição de sucessão menos favorecida, possui casos de migração na família, uma vez que, geralmente nestes casos apenas um membro da família recebe o direito de sucessão. Embora o jovem tenha relatado que ainda

não foi definido a escolha do sucessor no estabelecimento, aqui nos cabe frisar novamente as palavras de Kocziceski(2007), que descreve que, nas questões relativas a herança patrimonial entre os agricultores familiares predominam regras culturais. Este regramento “[...] não reconhece todos os filhos com direitos iguais, selecionando um entre todos, normalmente homem, para dar continuidade a manutenção do patrimônio familiar, cabendo aos irmãos excluídos da partilha buscar sua sobrevivência normalmente fora do meio agrícola.” (p. 16).

A JR3 (2014) possui uma família composta por seis pessoas, sendo ela a filha mais nova. Dentre os três irmãos, apenas um ainda permanece residindo no meio rural, enquanto que os outros dois migraram em busca de melhores ofertas de trabalho, sendo que o tamanho do estabelecimento da família, que é de 6 a 10 ha, não estava mais sendo compatível para suprir as necessidades de toda a família. Um migrou para a cidade de Erechim e atualmente trabalha em uma indústria, enquanto que o outro, migrou para a cidade de Campinas do Sul, e por este ter um baixo nível de escolaridade encontrou dificuldades em encontrar emprego e dessa forma, apenas conseguiu trabalho agrícola em um estabelecimento localizado nas proximidades da cidade onde está morando, tornando-se “peão” do estabelecimento. Observa-se aqui, que como já citado anteriormente, o trabalho desenvolvido a partir de atividades agrícolas ainda hoje vem reforçando *oethos* de uma agricultura como atividade que exige pouca escolaridade.

Dentre as pessoas da família que se ocupam em atividades na agropecuária são três: os pais e um irmão. A lavoura é a única atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento, na qual é destinada para a produção de soja e milho. Os equipamentos mais utilizados pela família são de tração animal, tais como: arado, grade, carroça etc.

Atividades agrícolas fora do estabelecimento também fazem parte do cotidiano da família da jovem. Contudo, diferente do JR1 (2014) e JR2 (2014), os equipamentos utilizados pelos membros da família para prestar esse tipo de serviço geralmente são manuais ou de tração animal e não mecânicos. Dentre os serviços mais prestados, destacam-se: arrancar feijão, ajuntar e amontoar “pedras” na lavoura, afim de limpar o terreno para facilitar o plantio etc. O principal motivo da busca por essas atividades fora do estabelecimento é a busca por maior renda para ajudar nas despesas da casa.

De acordo com a jovem, suas principais atribuições no estabelecimento são ajudar a mãe nos serviços da casa. Participar das decisões relativas à organização produtiva tomadas no estabelecimento não fazem parte de seu cotidiano, sendo que, é excluída deste processo. A jovem destaca ainda, que tem como perspectiva migrar para a cidade assim que concluir o ensino médio. Cabe aqui destacar, que esta resposta não foi surpreendente, uma vez que, essas

características patriarcais presentes no cotidiano da jovem, geralmente é parte extremamente contribuinte nos processos de migração da jovem rural.

A JR4 (2014), possui uma família composta por apenas três pessoas, sendo ela a única filha do casal.

Os pais ocupam-se em atividades agropecuárias, enquanto ela, com a ajuda da mãe, se ocupa com os serviços domésticos da casa, dificilmente participando das decisões relativas a organização produtiva, tomadas no estabelecimento. E desta forma, assim como a JR3, esta, tem como perspectiva migrar para a cidade.

Além dos serviços agropecuários com a lavoura e gado leiteiro no estabelecimento que possui uma área total de 6 a 10 ha, o pai da JR4 (2014), desenvolve atividades agrícolas fora do estabelecimento. Estes serviços prestados acontecem com o uso de equipamentos mecânicos, ou seja, ele vende sua força de trabalho para atividades que envolvem serviços com máquinas. Porém, estes equipamentos utilizados para os serviços fora do estabelecimento não são da família, sendo que os equipamentos agrícolas mais utilizados no estabelecimento são de tração animal. Desta forma, fazer a preparação da terra para o plantio até a colheita das produções agrícolas de alguns proprietários com grandes estabelecimentos do município e fora do município, que contratam esse tipo de serviço, são atividades desenvolvidos pelo pai da jovem fora do estabelecimento.

A JR5 (2014) é a filha mais nova de sua família que é composta por cinco pessoas no total. Dentre os três irmãos, a JR5 (2014) é a única que ainda permanece no campo, pois seus dois irmãos migraram para a cidade de Erechim, buscando prosseguir estudos e melhores oportunidades de trabalho. Assim como seus dois irmãos, a jovem também tem como perspectiva migrar para a cidade, objetivado dar prosseguimento aos estudos.

Sua principal atribuição é cuidar dos serviços domésticos da casa, enquanto que os pais dedicam-se nas atividades agropecuárias, dentre estas, a lavoura, destinada principalmente para o plantio de soja e milho, e, o gado leiteiro. O pai da jovem, além das atividades agrícolas no estabelecimento e atividades não agrícolas na cidade, sendo que este é vereador municipal, desenvolve também atividades agrícolas fora do estabelecimento. Estas atividades são desenvolvidas principalmente em épocas de plantio e colheita, sendo que o trabalho exercido fora do estabelecimento pelo pai da jovem se dá a partir de equipamentos mecânicos mais utilizados nestes períodos, tais como plantadeira e colheitadeira. Equipamentos estes, que são os mais utilizados pela família no estabelecimento.

Por fim, a JR6 (2014), possui uma família composta por quatro pessoas: ela, os pais e um irmão mais novo. Dentre as pessoas que se ocupam com atividades no estabelecimento são

os pais. As atividades agropecuária no estabelecimento é a lavoura, com plantio de soja principalmente, e gado leiteiro. De acordo com a jovem, o irmão é ainda criança e ela ajuda a mãe nos serviços de casa. Desta forma, a jovem dificilmente participa das decisões relativas a organização produtiva, tomadas no estabelecimento. Esta, assim como as outras três jovens entrevistadas, também pretende migrar para a cidade.

De acordo com a JR6 (2014), para ajudar na renda da casa, o pai também desenvolve atividades fora do estabelecimento. No entanto, a jovem destaca que estas atividades acontecem raramente, e quando acontecem são desenvolvidas a partir de trabalhos manuais ou com equipamentos mecânicos do estabelecimento a qual o pai dela presta o serviço. No estabelecimento da família, os equipamentos agrícolas mais utilizados são de tração animal.

Em suma, de acordo com as descrições acima, referentes à caracterização familiar dos seis jovens entrevistados, observa-se que existe diferenciações nítidas em cada uma das famílias, sendo que algumas possuem melhores condições de trabalho, por exemplo, enquanto que outras nem tanto. No entanto, evidenciam-se questões de gênero muito semelhantes. Enquanto que o papel dos dois jovens homens é referente a atividades agrícolas, desenvolvendo atividades diretamente relacionadas com a dinâmica produtiva do estabelecimento, das quatro jovens mulheres entrevistadas, sem exceção de nenhuma delas, dedicam-se aos serviços domésticos da casa.

É necessário frisarmos aqui, que essa não participação no desenvolvimento das atividades agropecuárias por parte das mulheres, geralmente não é por escolha delas, mas por fatores culturais atrelados ao patriarcado, que tende a excluir as mulheres de qualquer decisão referente a dinâmica produtiva familiar, contribuindo mais uma vez para o êxodo da jovem rural, que vai buscar na cidade outras condições.

Com relação à renda familiar dos jovens, de acordo com o quadro abaixo, percebe-se que, existe uma diferenciação bem nítida em relação a cada família. No entanto, a renda familiar, como já descrita anteriormente, baseia-se predominantemente pela mesma atividade: a lavoura com produção de grãos, tais como: soja, trigo e milho; e, em alguns casos gado leiteiro.

Quadro 9: Renda familiar.

<b>Identificação</b>	<b>Renda mensal familiar</b>	<b>Atividades agrícolas desenvolvidas no estabelecimento</b>	<b>Atividades fora do estabelecimento</b>	<b>Outras fontes de renda não agrícola</b>
JR1	Mais de 5 salários	Lavoura e gado leiteiro	Agrícola	Aposentadoria
JR2	De 1 a 3 salários	Lavoura	Agrícola	Aposentadoria
JR3	De 1 a 3 salários	Lavoura	Agrícola	Aposentadoria
JR4	De 1 a 3 salários	Lavoura e gado leiteiro	Agrícola	-
JR5	De 3 a 5 salários	Lavoura e gado leiteiro	Agrícola	Salário Municipal (Vereador)
JR6	De 1 a 3 salários	Lavoura e gado leiteiro	Agrícola	-

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Ainda de acordo com as entrevistas, todos relatam que a situação da terra é própria, na qual esta foi adquirida por herança e recursos próprios. No entanto, o tamanho do estabelecimento e os equipamentos agrícolas mais utilizados no estabelecimento, indicam certa diferenciação socioeconômica em relação às famílias dos jovens entrevistados (Quadro 10). As famílias dos jovens que possuem pequenos estabelecimentos fazem uso de equipamentos agrícolas de tração animal, tais como: arado, grade, carroça etc. Enquanto que as famílias dos jovens que possuem estabelecimentos maiores fazem uso de equipamentos mecânicos, tais como: trator, colheitadeira etc.

Quadro 10: Caracterização do estabelecimento.

<b>Identificação</b>	<b>Situação da terra</b>	<b>Tamanho do estabelecimento (Ha)</b>	<b>Equipamentos agrícolas mais utilizados</b>
JR1	Própria e arrendada	+ de 50ha	Mecânicos
JR2	Própria	21 a 30 ha	Mecânicos
JR3	Própria	6 a 10 ha	Tração animal
JR4	Própria	6 a 10 ha	Tração animal
JR5	Própria	21 a 30 ha	Mecânicos
JR6	Própria	11 a 20 ha;	Tração animal

Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Como já descrito acima, todos os jovens entrevistados relataram que algum membro da família desenvolve atividades individuais fora do estabelecimento. No entanto, a partir das respostas evidencia-se que os jovens com condições socioeconômicas melhor fazem esse trabalho individual fora do estabelecimento a partir de maquinários agrícolas, enquanto que os

jovens com condições socioeconômicas piores desenvolvem esse trabalho individual a partir de trabalho braçal, na qual para estes, o principal motivo de buscar atividades fora do estabelecimento é para ajudar na renda mensal familiar.

O desenvolvimento de atividades fora do estabelecimento, ocasionado consequentemente pela busca de outras fontes de renda para ajudar na renda da casa, tem se tornado quase uma necessidade para estes estabelecimentos com condições socioeconômicas menos favorecidas. No entanto, não somente estes vem fazendo isso, uma vez que, como já descrito, sem exceção de nenhum entrevistado, todos apresentam casos de algum membro da família desenvolver esse tipo de atividade. É possível destacarmos, que geralmente, o principal motivo destes últimos desenvolver esse tipo de atividade é pelo fato destes, na maioria dos casos, possuírem equipamentos mecanizados e desta forma aproveitam pra oferecer serviços para os que não tem esse tipo de equipamentos e que nos períodos de safra também necessitam desses serviços mecanizados. As atividades desenvolvidas fora do estabelecimento por estes sujeitos proporciona um aumento ainda maior na renda familiar.

Se pensarmos no trabalho desenvolvido pelos jovens homens e pelas jovens mulheres no município de acordo com os relatos das entrevistas, percebe-se uma grande diferenciação, sendo que, os jovens homens desenvolvem atividades agrícolas da lavoura, trabalhando frequentemente com equipamentos mecânicos, enquanto que a mulher, juntamente com a mãe, fazem os serviços domésticos em casa e ainda algumas desenvolvem atividades na horta cuidando das hortaliças da família ou da jardinagem do pátio da casa, trabalhando exclusivamente com trabalho braçal. Esta diferenciação de atividades entre os jovens homens e mulheres exclui completamente a jovem das atividades relacionadas a dinâmica produtiva agrícola, sendo tarefa delas, apenas atividades “não rendáveis”. Esta exclusão feminina vai se reproduzindo de geração em geração uma vez que, todas as respostas do questionário referente à pessoa responsável pelos serviços domésticos da casa foram com unanimidade que é a mãe quem faz os serviços domésticos da casa.

É necessário destacarmos ainda, que essa não participação das mulheres nesse tipo de atividades, tais como dirigir equipamentos agrícolas e tomar frente da dinâmica produtiva, geralmente acontece em função de uma cultura machista e patriarcal, que exclui as mulheres de forma geral destes tipos de atividades.

### 5.3 PERMANECER OU MIGRAR: PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS

De acordo com as entrevistas, pode-se evidenciar alguns indicativos do “permanecer ou migrar” de cada um dos jovens entrevistados.

De acordo com os relatos das jovens em relação ao que é para elas ser jovem mulher e morar no meio rural, foram diversas as respostas, tais como:

- JR3 (2014): “Não acho ruim viver aqui se pensar no lugar, nos vizinhos, perto da família, mas é ruim pela falta de recursos de acessos que não chegam até aqui. Isso incentiva a gente ir morar na cidade”. Nestas palavras, a jovem frisa mais uma vez a falta de recursos e acessos, principalmente em relação aos serviços educacionais encontrados no município, sejam eles, a partir da nuclearização das escolas de ensino fundamental no campo, fazendo com que os alunos residentes em espaços rurais, sem outra alternativa, necessitam locomover-se diariamente até a cidade para poder estudar, ou ainda, pela dificuldade de locomoção até as universidades, uma vez que, o transporte para este nível de ensino torna-se restritivo apenas ao meio urbano, assim, abrindo margem para o processo de migração. É necessário também destacarmos aqui, que hoje a educação é enxergada com outros olhos, abrindo caminho para outras possibilidades que se projetam, diferente de antigamente, assim como foi observado nos relatos dos entrevistados com faixa etária entre 40 a 50 anos, no entanto as dificuldades de locomoção para o acesso aos serviços educacionais enfrentada por estes em suas épocas de juventude, ainda hoje, de certa forma, se mantem no campo.
- JR4 (2014): “Acho que para a mulher tudo é mais difícil. O homem consegue meios de ganhar dinheiro bem mais fácil morando no interior do que a mulher”. Dificilmente uma jovem rural faz parte da organização produtiva, ou desenvolve atividades agropecuárias no estabelecimento ao qual reside, sendo este, tarefa exclusiva dos homens da família na maioria dos casos. Isso torna ainda mais difícil a possibilidade da jovem desenvolver trabalhos deste tipo fora do estabelecimento, abrindo margem mais uma vez, para o processo de migração.
- JR5 (2014): “Acho que nós jovens estamos ficando na minoria aqui no campo, principalmente nós mulheres. Toda juventude quer sempre estudar mais pra se dar bem na vida. Ai conclui o ensino médio e vai pra cidade”. Como já descrito anteriormente, as jovens, na tentativa de melhorar de vida, enxergam no estudo um maior reconhecimento, reconhecimento este que não implica somente a melhores condições profissionais, mas também sociais.
- JR6 (2014): “Geralmente a gente tem as mesmas capacidades que os jovens da cidade, mas não temos os mesmos acessos. Acho isso ruim.” Observa-se que a falta de acessos é algo central na maioria dos relatos, evidenciando inacessibilidades

múltiplas, uma concepção sobre o campo apenas como espaço de produção e não como espaço de vida.

Neste sentido, dentre as quatro mulheres jovens entrevistadas nenhuma delas pretende permanecer na agricultura, na qual todas responderam que pretendem trabalhar e morar na cidade. Além disso, de acordo com os relatos em relação aos incentivos familiares relativos à sucessão da agricultura familiar, todas as jovens responderam que os pais incentivam as filhas a migrar e a prosseguir estudos.

Posto isso, é compreensível entender que estes incentivos não estão associados a uma não aceitação de que os filhos permaneçam no campo como sucessores da unidade de produção, mas geralmente está calcado as insegurança geradas no campo a partir da modernização.

Quanto aos jovens homens entrevistados, os dois responderam que pretendem permanecer na agricultura como proprietário. Diante das respostas, é necessário analisarmos cada caso de forma mais detalhada, na qual é possível constatar que, um dentre os dois possui uma condição socioeconômica razoavelmente boa, na qual a renda mensal familiar é superior a 5 salários mínimos, evidenciando assim uma melhor estabilidade financeira. Enquanto que o outro, embora possua uma condição socioeconômica um pouco mais baixa chegando a uma renda mensal de 1 a 3 salários mínimos, este mora numa localidade muito aproximada da área urbano do município, facilitando assim a questão de acessibilidade a certas infraestruturas que só são oferecidas na cidade.

#### 5.4 FICAR OU VOLTAR: PERSPECTIVAS DOS QUE MIGRARAM

Dentre os jovens que migraram do município de Cruzaltense para outras cidades do entorno, entrevistou-se 4 jovens, dois homens e duas mulheres, ambos com idades entre 18 e 24 anos. Todos os entrevistados migraram para a cidade de Erechim, com idades entre 15 a 18 anos na época.

Para uma melhor caracterização de cada um dos quatro jovens entrevistados, optou-se, assim como foi feito para os jovens rurais entrevistados que ainda residem no campo, em identifica-los com uma sigla, neste caso JRM e numerá-los sequencialmente a fim de proteger suas identidades, conforme tabela abaixo. (Quadro 11).

Quadro 11: Dados de identificação dos jovens rurais que migraram

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Endereço anterior e a distância aproximada da cidade de Cruzaltense/ Endereço atual</b>	<b>Sexo</b>
JRM1	24 anos	Linha Santa Cruz – 10 Km/ Erechim	Masculino
JRM2	18 anos	Linha São Roque –5 Km/ Erechim	Masculino
JRM3	20 anos	Linha Santa Cruz –10 Km/ Erechim	Feminino
JRM4	20 anos	Linha Santa Catarina – 5 Km/ Erechim	Feminino

Para os homens, os principais motivos de migração campo cidade está relacionado a maior facilidade de adquirir o próprio dinheiro na cidade e de forma mensal. Já, para as mulheres o principal motivo de terem migrado está relacionado à dificuldade de acesso aos serviços educacionais no campo, identificando este como um caminho a ser percorrido para depois sim tentarem se inserir num bom mercado de trabalho. Isso pode ser percebido a partir das atividades desempenhadas por cada um atualmente, na qual, dentre os homens, um trabalha numa cooperativa de alimentos e estuda nível superior, enquanto que o outro só trabalha em uma indústria. Das mulheres, uma trabalha como professora de educação infantil e estuda, enquanto que a outra só estuda, ambas nível superior. Dentre os três jovens que estão estudando, apenas uma das mulheres estuda em uma universidade federal (UFFS), enquanto que a outra mulher estuda em universidade comunitária (URI), e o homem estuda em universidade particular (URI), com bolsa de estudo.

De acordo com as entrevistas, a maioria dos jovens relata que ter migrado para a cidade conseguiram uma melhor estabilidade financeira se firmando no mercado de trabalho e ingressando numa universidade a fim de prosseguir estudos. No entanto, de acordo com os relatos acima, é preciso refletir em relação a que tipo de estabilidade financeira é esta e que mercado de trabalho é este. Uma vez que, manter-se na cidade sem ter uma moradia própria e depender da alimentação exclusivamente de mercado pode não ser tão simples assim. Além disso, é necessário pensar nesse mercado de trabalho, se a partir dele é possível adquirir uma garantia profissional e possibilidades de progredir na carreira. É necessário entender, que muitos jovens, na tentativa de melhorar de vida acabam se sujeitando a trabalhar 8h, em indústrias e comércios, por exemplo, ou mais que 8h por dia, em supermercados, construção civil etc e ganhar um salário mínimo no final do mês.

Alternativa esta, que embora precária, ainda é considerada por muitos jovens, como uma melhor estabilidade do que as encontradas no campo quando estes não possuem acesso direto à renda familiar. Na qual, é necessário levarmos em consideração, que no campo diferente da cidade, a renda geralmente é periódica e não mensal, sendo adquirida geralmente

somente nos períodos de safra dos produtos produzidos no estabelecimento, encontrando assim na cidade uma maior identificação de “liberdade” adquirindo seu próprio dinheiro.

Ao analisarmos este fato, é necessário também levarmos em consideração as questões de gênero, sendo que, as jovens rurais, como já descrito anteriormente a partir dos relatos do questionário, dificilmente participam das decisões tomadas no estabelecimento, intencionando assim, um ainda maior distanciamento em relação aos acessos da renda familiar, produto da dinâmica produtiva do estabelecimento, atividades estas que não fazem parte de suas realidades cotidianas.

O que nos chama atenção referente aos principais motivos de migração do questionário é o relato de JRM2 (2014), na qual diz que: “Não esperava nada. Todo mundo vem pra cidade, ninguém mais fica lá, também vim.” Nesta resposta especula-se que, muitos jovens acabam migrando do campo para a cidade, atraídos por aqueles que saem do campo e voltam fazendo *marketing* pessoal para se reafirmarem diante da família e de colegas, que fazem da cidade um mundo de maravilhas.

De acordo com os relatos a grande maioria dos jovens que migraram dizem ter conseguido atender suas perspectivas, no entanto, percebe-se também, a partir do questionário, que as dificuldades encontradas na cidade por estes jovens, foram muitas, tais como:

- Dificuldade de adaptação com o ritmo da cidade, cidade desconhecida;
- Grandes despesas para viver, principalmente com relação a moradia, na qual, dentre a situação de moradia dos jovens entrevistados, todos moram em imóveis alugados;
- Dificuldades com as despesas relacionadas a alimentação. Esta por sua vez, muitas vezes é suprida com os produtos alimentícios buscados pelos jovens na casa dos pais nas visitas de final de semana. Com exceção de um caso, todos os jovens entrevistados deslocam-se até Cruzaltense semanalmente, objetivando ficar mais perto da família e dos amigos. Relatam ainda, que esse vínculo com o meio rural é extremamente importante para suas manutenções na cidade, tanto em relação ao conforto familiar atrelado a valores sentimentais, assim como na ajuda em relação às despesas alimentícias na cidade.

Sem exceção de nenhum dos jovens entrevistados, todos relatam que esse vínculo com o meio rural é extremamente importante para suas manutenções na cidade. Uma das jovens destaca:

[...] dependendo do interior para me manter na cidade. Levo comida da colônia toda vez que volto pra Erechim. Na cidade é melhor evitar de fazer compras o máximo possível. Semana passada comprei um pedacinho de queijo e paguei 15 pila sabendo

que posso comer a vontade lá em casa sem pagar nada. O supermercado é um roubo.  
(JRM3, 2014)

Além disso, dentre o que mais sentiram falta do campo quando migraram na cidade, destacam-se: a tranquilidade e o sossego, o contato direto com a família e com amigos.

Observa-se uma ambiguidade na identidade destes jovens que migraram. Por um lado, buscam no meio urbano melhores condições de vida, condições estas que no meio rural vão se degradando com a modernização; por outro lado, ainda sentem-se ligados com a família e ao pertencimento à localidade de origem, idealizando este espaço como um lugar de bem viver.

No entanto, referente às perspectivas futura dos jovens entrevistados, permanecer na cidade foi à resposta de todos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa realizada, pretendeu-se investigar aspectos relacionados à atual migração das jovens rurais no município de Cruzaltense, levando em consideração alguns fatores multifatoriais que tendem a fazer parte deste processo.

Evidenciou-se neste caso, que ser jovem rural e mulher, é estar condicionada a uma vida predestinada, calcada sob uma sociedade patriarcal que é passada de geração em geração, atrelada a fatores culturais, neste caso, principalmente a cultura do colono com descendência italiana, presente de forma predominante no município de Cruzaltense.

Estas jovens estão inseridas numa agricultura, subordinada ao capital num conjunto de valores socioculturais, atrelados ao patriarcalismo. Fatos estes, que tem mobilizado as jovens, em meio a incertezas e conflitos, a construir novas alternativas de vida na cidade.

Isso explica o valor atribuído a educação, que é avaliada como a principal alternativa de inserção no mercado de trabalho na cidade. Essa alternativa tem ainda maior valor por parte das jovens, que geralmente encontram ali, além do reconhecimento profissional, reconhecimento também social.

Por este fato, conforme foi possível evidenciar no decorrer do trabalho, migrar para a cidade em busca de melhores oportunidades de estudo e de trabalho é a principal perspectiva das jovens que ainda no meio rural permanecem. Os incentivos dado pelos pais destas jovens são muitos, enxergando na cidade uma alternativa frente as condições encontrados no campo. Uma vez que, o campo, frente aos processos de modernização, é observado pela grande maioria daqueles que migram, como um espaço de inseguranças e incertezas sobre o futuro de quem ali permanece.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vilênia Venância Porto; STROPASOLAS, Valmir Luiz. As problemáticas de gênero e gerações nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.
- BRAGA, Luís Carlos. **As temporalidades e territorialidades que caracterizam a agricultura familiar no município de Marmeleiro (PR)**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. UFU: Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2012. Disponível em: <[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1201\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1201_1.pdf)> Acesso em: 14 nov 2013.
- CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS**. 1ed. Buenos Aires: CLACSO, 2011.
- CASTRO, E. G. **Juventude do Campo**. In: CALDART, R.S. (org.). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- COPATTI, Carina. **Espaço Rural: transformações, cultura e memória**. Os fatos, as lembranças e o sentimento comunitário quanto a ocupação do espaço local. Passo Fundo: IMED, 2010.
- CRUZALTENSE. Prefeitura Municipal de Cruzaltense – RS. Disponível em: <<http://www.cruzaltense.rs.gov.br/pg.php?area=CIDADE>> Acesso em: 06 dez 2013.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão Agrária: Conflitualidade e desenvolvimento territorial**. 2004. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Valeria/Pdf/Bernardo\\_QA.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Bernardo_QA.pdf)> Acessado em 03 jun 2014.
- FEE. **Fundação de Economia e Estatística**. Disponível em: <[www.fee.tche.br/](http://www.fee.tche.br/)> Acesso em: 16 mar. 2014.
- GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas da questão Agrária Brasileira**. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/>> Acesso em 12 dez 2012.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- MAIA, Romero G. **Interpretando o que se diz dos jovens**: Um ensaio crítico. Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas Nº 8, Ano IV, 2008. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.62499424500856.pdf>> Acesso em: 02 dez 2013.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. SP: Hucitec, 1990.
- MOREIRA, Ruy. **Marxismo e Geografia ( A Geograficidade e o dialogo das Ontologias)**. 6º Congresso dos Geógrafos Brasileiros – CBG. Universidade Federal Fluminense: Goiânia, 2004.

OCTAVIANO, Carolina. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde.** Repostagem. Scielo: ComCiência. Campinas, 2010. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=en&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 03 dez 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *Novos Caminhos da Geografia.* São Paulo: Contexto, 1998.

PIRAN, Nédio. **Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai.** EdiFAPES, 2001. 192p.

ZOCZICESKI, Sérgio Luiz. **Sucessão na agricultura familiar: problemática social e desafios para a gestão pública em Paulo Bento/RS.** Universidade Estadual do Rio Grande do Sul: Erechim. 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização Italiana.** Porto Alegre: 2002.

SCHIMITZ, Aline Motter. **Geografia e gênero: a participação das mulheres agricultoras no sindicato dos trabalhadores rurais de Francisco Beltrão – PR.** Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Francisco Beltrão – PR, 2011.

SILVA, AntonioValricélio Linhares da. **Capital, Trabalho e Estado: Elementos para uma crítica da práxis social pretensamente socialista.** s. d. Disponível em: <[http://www.nufipeuff.org/seminario\\_gramsci\\_e\\_os\\_movimentos\\_populares/trabalhos/Antonio\\_Valricelio\\_Linhares\\_da\\_Silva.pdf](http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Antonio_Valricelio_Linhares_da_Silva.pdf)> Acesso em: 25 nov 2013.

SOUSA, J. **Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações.** *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, n. 8. Florianópolis: 2006.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O valor (do) casamento na agricultura familiar. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e Agricultura de Santa Catarina.** Estudos Feministas, Florianópolis: 2004.

TEDESCO, João Carlos. **Um pequeno Grande Mundo: A família Italiana no meio Rural.** Passo Fundo: EDIUPF, 2001.

## APÊNDICE A – Questionário para idosos.

**INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Dados gerais:**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço: 

_____
_____

Sexo:

- ( ) Feminino  
 ( ) Masculino  
 ( ) Não Informado

Escolaridade:

- ( ) Nunca estudei  
 ( ) Ensino Fundamental Incompleto  
 ( ) Ensino Fundamental Completo  
 ( ) Ensino Médio Incompleto  
 ( ) Ensino Médio Completo  
 ( ) Ensino Superior Incompleto  
 ( ) Ensino Superior Completo  
 ( ) Pós-Graduação (Informar área) \_\_\_\_\_.

1. Você sempre morou no município de Cruzaltense? E seus pais?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

2. Ser agricultor era uma profissão que pretendia exercer? Teve oportunidade de prosseguir outros tipos de trabalhos?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

3. Você teve oportunidade de prosseguir estudos?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

4. Quem tinha mais oportunidade de prosseguir estudos:

- ( ) As oportunidades de estudo eram dadas de forma igual para todos os filhos;  
 ( ) Filho mais velho tinha mais oportunidade;  
 ( ) Filho mais novo tinha mais oportunidade;  
 ( ) Os filhos homens tinham mais oportunidade;

- ( ) As filhas mulheres tinham mais oportunidade;  
 ( ) Filho que tivesse interesse em seguir carreira religiosa (padre/freira).  
 ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

5. Qual era a importância que se dava para a educação formal dos filhos em sua época?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

6. Qual era o nível médio de escolaridade em sua época?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

7. O que nos tem a dizer a cerca da influência que a religiosidade cristã exercia na educação informal dos filhos?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

8. O que representava a capela comunitária para a sociedade?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

9. Quem eram as pessoas mais respeitadas na comunidade?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

10. Quais as diferenças que nota em relação à sociedade do campo de hoje e antigamente?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

11. Que diferenças encontra entre os jovens de hoje e os jovens de antigamente?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

12. Como se davam as relações de trabalho em épocas passadas?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

13. Existia uma diferenciação nítida em relação ao trabalho exercido pela população masculina e trabalho exercido pela população feminina? Quais?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.



APÊNDICE B – Questionário para pessoas entre a faixa etária de 40 a 60 anos.

**INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Dados gerais:**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço:

<hr/> <hr/>
-------------

Sexo:

- ( ) Feminino  
 ( ) Masculino  
 ( ) Não Informado

Escolaridade:

- ( ) Nunca estudei  
 ( ) Ensino Fundamental Incompleto  
 ( ) Ensino Fundamental Completo  
 ( ) Ensino Médio Incompleto  
 ( ) Ensino Médio Completo  
 ( ) Ensino Superior Incompleto  
 ( ) Ensino Superior Completo  
 ( ) Pós-Graduação (Informar a área)\_\_\_\_\_.

1. Você sempre morou no município de Cruzaltense? E seus pais?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

2. Ser agricultor era uma profissão que pretendia exercer, ou foi uma consequência da vida?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

3. Se você pudesse voltar a ser jovem nos tempo de hoje, faria a mesma escolha profissional? Por quê?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

4. Alguém da sua família migrou para a cidade? Por quê?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

5. Como era a reação dos pais se algum dos filhos decidisse migrar do campo para a cidade?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

6. Qual era a importância que se dava para a educação formal dos filhos?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

7. Você teve oportunidade de prosseguir estudos?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

8. Quem tinha mais oportunidade de prosseguir estudos:

- ( ) As oportunidades de estudo eram dadas de forma igual para todos os filhos;
- ( ) Filho mais velho tinha mais oportunidade;
- ( ) Filho mais novo tinha mais oportunidade;
- ( ) Os filhos homens tinham mais oportunidade;
- ( ) As filhas mulheres tinham mais oportunidade;
- ( ) Filho que tivesse interesse em seguir carreira religiosa (padre/freira).
- ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

9. Quais eram as atividades de lazer mais realizadas em sua juventude? E quando aconteciam? Todos os jovens participavam com mesma intensidade (homens e mulheres)?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

10. Que diferenças você percebe em relação à juventude de hoje e a de antigamente?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

11. Quando você era jovem, como se davam as relações de gênero? Existiam as mesmas oportunidades para homens e para mulheres?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

12. E a relação pai e filhos existiam diferenças de tratamento entre as filhas mulheres e os filhos homens?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

13. Quais eram as funções exercidas pelos filhos homens e quais eram exercidas pelas filhas mulheres?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

14. Quais eram as pessoas responsáveis pelos serviços domésticos da casa?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

15. Quando você era jovem, os filhos participavam das decisões da organização produtiva familiar?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

16. O que você tem a dizer a respeito das mudanças produtivas ocorridas no município de Cruzaltense a partir da introdução da técnica no campo?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

17. Em sua opinião, a introdução da técnica no município ajudou ou dificultou a permanência dos jovens no campo no município?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

18. Relate resumidamente sua história de vida no meio rural:

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

Outras informações:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

APÊNDICE C – Questionário para jovens residentes no município.

**INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Dados gerais:**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço: 


Sexo:

- ( ) Feminino  
( ) Masculino  
( ) Não Informado

Escolaridade:

- ( ) Nunca estudei  
( ) Ensino Fundamental Incompleto  
( ) Ensino Fundamental Completo  
( ) Ensino Médio Incompleto  
( ) Ensino Médio Completo  
( ) Ensino Superior Incompleto  
( ) Ensino Superior Completo  
( ) Pós-Graduação ( informar área)\_\_\_\_\_.

1. Sua família é composta por quantas pessoas?

- ( ) 1 pessoa;  
( ) 2 pessoas;  
( ) 3 pessoas;  
( ) 4 ou mais pessoas \_\_\_\_\_.

2. Quantos jovens há em sua casa incluindo você? (Quantos homens e quantas mulheres – 15 a 29 anos)

R: \_\_\_\_\_.

3. Algum membro da sua família migrou para a cidade?

- ( ) Sim  
( ) Não

4. Se sim, quem migrou e quais os motivos dessa pessoa ter migrado para a cidade?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

5. Se não, quais os motivos de terem permanecido no campo?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

6. Quantas pessoas da sua família ocupam-se em atividades agropecuárias no estabelecimento?

- ( ) 1 pessoa  
 ( ) 2 pessoas  
 ( ) 3 pessoas  
 ( ) 4 ou mais pessoas

7. Qual é a faixa de renda mensal familiar?

- ( ) Menos de 1 salário  
 ( ) De 1 a 3 salários  
 ( ) De 3 a 5 salários  
 ( ) Superior a 5 salários

8. É repassada parte da renda para você usufruir?

- ( ) Sim  
 ( ) Não

9. Você ou algum membro da sua família desenvolvem atividades individuais fora do estabelecimento? (Atividades agrícolas ou não-agrícolas)

- ( ) Não  
 ( ) Sim \_\_\_\_\_.

10. Qual o principal motivo para você ou algum membro da sua família buscar atividades fora do estabelecimento?

- ( ) Ninguém da família busca atividades fora do estabelecimento;  
 ( ) Para adquirir dinheiro própria para comprar bens de uso pessoal, lazeretc;  
 ( ) Para ajudar na renda da casa;  
 ( ) Outras(Especificar):\_\_\_\_\_.

11. Situação da terra?

- ( ) Própria;  
 ( ) Arrendada;  
 ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

12. Caso proprietário, qual é o período de aquisição da terra?

- ( ) anos 1970, ou antes;  
 ( ) anos 1980;  
 ( ) anos 1990;  
 ( ) a partir do ano 2000;

13. Caso proprietário, como adquiriu a terra?

- ( ) Herança;  
 ( ) Recursos próprios;  
 ( ) Outro (Especificar)\_\_\_\_\_.

14. Qual o tamanho do estabelecimento?
- ( ) 01 a 05 ha;  
 ( ) 06 a 10 ha;  
 ( ) 11 a 20 ha;  
 ( ) 21 a 30 ha  
 ( ) 31 a 50 ha;  
 ( ) + de 50 ha.
15. Você participa das decisões relativas à organização produtiva, tomadas no estabelecimento?
- ( ) Sim  
 ( ) Não
16. Se sim, diante de suas sugestões em relação à organização produtiva do estabelecimento, qual a reação de seus pais?
- ( ) Não aceitam nem discutir.  
 ( ) Rejeitam quase sempre.  
 ( ) Aceitam quase sempre.
17. Quais são os equipamentos agrícolas mais utilizados no estabelecimento?
- ( ) Manuais (enxada, foiceetc)  
 ( ) Tração animal (arado, grade, carroça etc)  
 ( ) Mecânicos (trator, colheitadeiraetc)
18. Quais as instalações que existe no estabelecimento?(Multiescolha)
- ( ) Residência de madeira;  
 ( ) Residência de alvenaria;  
 ( ) Pocilgas;  
 ( ) Galpão;  
 ( ) Estrebaria;  
 ( ) Aviário;  
 ( ) Outros (Especificar)\_\_\_\_\_.
19. A principal fonte de renda agrícola do estabelecimento vem de quais atividades?(Multiescolha)
- ( ) Lavoura  
 ( ) Gado de corte  
 ( ) Gado leiteiro  
 ( ) Suinocultura  
 ( ) Avicultura  
 ( ) Outro (Especificar)\_\_\_\_\_.
20. Que outras fontes de renda são obtidas pela família? (Aposentadoria, pensões, bolsa do governo, salário urbanoetc)
- R:\_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_.

21. Quais são as suas principais atribuições no estabelecimento?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

22. Quais são as pessoas responsáveis pelos serviços domésticos de sua casa?

R: \_\_\_\_\_.

23. Os serviços no estabelecimento agropecuário que você pratica os considera?

- ( ) Leve  
 ( ) Moderado  
 ( ) Pesado

24. Existem opções de lazer na sua comunidade?(Atividades esportivas, encontro de jovensetc)

- ( ) Não  
 ( ) Sim \_\_\_\_\_.

25. Você faz parte de uma alguma organização comunitária ou política?(Grupo de jovens, grupo esportivo, movimentos sociais, ONGsetc)

- ( ) Não  
 ( ) Sim, \_\_\_\_\_.

26. O que representa a capela comunitária para você?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

27. Qual é a distância da comunidade em que você mora em relação à cidade de Cruzaltense?

R: \_\_\_\_\_.

28. Qual o meio de transporte que você utiliza para se deslocar até há cidade de Cruzaltense?

- ( ) Escolar;  
 ( ) Moto;  
 ( ) Carro;  
 ( ) Bicicleta;  
 ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

29. Em que frequência você costuma ir à cidade de Cruzaltense?

- ( ) Diariamente;  
 ( ) Semanalmente;  
 ( ) Quinzenalmente;  
 ( ) Mensalmente

30. Em que frequência sua família costuma ir à cidade de Cruzaltense?

- ( ) Diariamente;  
( ) Semanalmente;  
( ) Quinzenalmente;  
( ) Mensalmente

31. O que costuma fazer quando vai à cidade de Cruzaltense?

- ( ) Negócios  
( ) Mercado  
( ) Lazer  
( ) Outro (Especificar)\_\_\_\_\_.

32. Que outra(s) cidade(s) você costuma frequentar? Com que frequência? Para fazer o que?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

32. Na sua opinião, qual é o futuro de sua comunidade?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

33. O que você acha dos incentivos governamentais, relativos à Sucessão da Agricultura Familiar?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

34. O que você tem a dizer em relação aos incentivos familiares relativos à Sucessão da Agricultura Familiar?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

35. Na sua opinião, o que promoveria a melhoria da qualidade de vida no campo e, conseqüentemente, ampliaria as perspectivas dos jovens como você a continuar à vida no campo?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

36. Se não fosse agricultor, que outra profissão você gostaria de exercer?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

37. Quais motivos fariam com que você não abandonasse a agricultura?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

38. Quais são as suas perspectivas para o futuro?

- ( ) Permanecer na agricultura como proprietário.  
 ( ) Trabalhar e morar na cidade.  
 ( ) Ficar no meio rural, trabalhando em atividades não-agrícolas.  
 ( ) Outra (Especificar) \_\_\_\_\_.

39. Na sua família, quem será escolhido como sucessor do estabelecimento?

- ( ) O filho mais velho;  
 ( ) A filha mais velha;  
 ( ) O filho mais novo;  
 ( ) A filha mais nova;  
 ( ) O mais estudado;  
 ( ) O que mais gosta da agricultura;  
 ( ) Ainda não foi definido;.  
 ( ) Haverá mais de um sucessor;  
 ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

40. Quais os motivos que levaram a essa escolha do sucessor do estabelecimento?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

41. Na sua opinião, quem participou (ou vai participar) da escolha do sucessor do estabelecimento dos pais?

- ( ) A escolha foi feita (ou vai ser feita) pelo pai;  
 ( ) A escolha foi feita (ou vai ser feita) pela mãe;  
 ( ) A escolha foi feita (ou vai ser feita) pelo pai com ajuda da mãe;  
 ( ) A escolha foi feita (ou vai ser feita) pelos pais juntamente;  
 ( ) A escolha foi feita (ou vai ser feita) por toda a família;  
 ( ) Outra (Especificar) \_\_\_\_\_.

42. Como será feita a compensação aos demais filhos?

- ( ) Não haverá compensação, pois todos ganharão terra do estabelecimento dos pais;  
 ( ) Não terão compensação porque o herdeiro ficará com a responsabilidade de cuidar dos pais;  
 ( ) Através de outros capitais (lotes, casas, poupança etc);  
 ( ) Através de estudo;  
 ( ) Será feito acerto no momento final de transmissão do patrimônio;  
 ( ) Outros (Especificar) \_\_\_\_\_.



APÊNDICE D – Questionário jovens rurais que migraram do município.

**INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Dados gerais:**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Endereço:


Sexo:

- ( ) Feminino  
 ( ) Masculino  
 ( ) Não Informado

Escolaridade:

- ( ) Nunca estudei  
 ( ) Ensino Fundamental Incompleto  
 ( ) Ensino Fundamental Completo  
 ( ) Ensino Médio Incompleto  
 ( ) Ensino Médio Completo  
 ( ) Ensino Superior Incompleto  
 ( ) Ensino Superior Completo  
 ( ) Pós-Graduação ( Informar área) \_\_\_\_\_.

1. Com quantos anos você migrou do campo para a cidade? E em qual cidade migrou?

R: \_\_\_\_\_.

2. Quais foram os principais motivos de sua migração campo-cidade?

- ( ) Dificuldade de acesso aos serviços educacionais no campo;  
 ( ) Diminuição da necessidade de mão-de-obra no campo a partir da modernização;  
 ( ) Maior facilidade de adquirir o própria dinheiro na cidade e de forma mensal;  
 ( ) Estreitamento de contatos no campo;  
 ( ) Outra (Especificar) \_\_\_\_\_.

3. O que você faz atualmente na cidade que reside?

- ( ) Estudo  
 ( ) Trabalho  
 ( ) Estudo e trabalho  
 ( ) Outra (Especificar) \_\_\_\_\_.

4. Você considera que essa opção de migrar para a cidade atendeu as suas perspectivas?  
 Por quê?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

5. Quais foram as principais dificuldades que encontrou na cidade?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

6. O que você sentiu mais falta do campo quando chegou na cidade?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

7. Mais alguém da sua família migrou para a cidade? Por quê?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

8. Teus pais continuaram residindo no município de Cruzaltense?

- ( ) Sim  
 ( ) Não

9. Se não, o que aconteceu com o estabelecimento?

- ( ) Venderam e foram morar na cidade;  
 ( ) Arrendaram e foram morar na cidade;  
 ( ) Continuam produzindo, mas foram morar na cidade;  
 ( ) Plantaram eucalipto/pinus e foram morar na cidade;  
 ( ) Outro(Especificar) \_\_\_\_\_.

10. Se sim, qual é a situação de moradia dos teus pais?

- ( ) Imóvel próprio;  
 ( ) Imóvel cedido;  
 ( ) Imóvel alugado;  
 ( ) Outro (Especificar) \_\_\_\_\_.

11. Você desloca-se com que frequência ate o município de Cruzaltense?

- ( ) Semanalmente;  
 ( ) Quinzenalmente;  
 ( ) Mensalmente.

12. O que costuma fazer quando desloca-se ateCruzaltense?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

13. Considera esse vinculo com o meio rural importante para sua manutenção na cidade?  
 Por quê?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

14. Como é a situação da moradia em que você mora na cidade?

- ( ) Própria  
 ( ) Cedida  
 ( ) Alugada  
 ( ) Outra (Especificar)\_\_\_\_\_.

15. Com quem você mora na cidade?

- ( ) Sozinho  
 ( ) Parentes  
 ( ) Amigos  
 ( ) Outros (Especificar)\_\_\_\_\_.

16. Você pretende voltar a morar no meio rural?

- ( ) Sim  
 ( ) Não  
 ( ) Talvez

17. Se a resposta anterior for não, existem possibilidades que fariam você mudar de ideia?  
 Quais?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

18. O que você nos tem a dizer a cerca da migração do jovem e da jovem rural?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

19. Quais são as suas perspectivas de vida para o futuro?

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

20. Relate resumidamente sua história de vida na comunidade rural e na cidade:

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.

Outras informações:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_.